

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL

SENTIDOS DE COMUNIDADE, SABERES DA NATUREZA E
RESISTÊNCIAS SOCIOCULTURAIS DO MORRO DA FORMIGA, RIO
DE JANEIRO

Aurea Rachel de França Pereira

Rio de Janeiro, RJ

2020

SENTIDOS DE COMUNIDADE, SABERES DA NATUREZA E RESISTÊNCIAS
SOCIOCULTURAIS DO MORRO DA FORMIGA, RIO DE JANEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia (Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social).

Orientadora: Professora Doutora Samira Lima da Costa

Co-orientadora: Professora Doutora Claudia Miranda

Rio de Janeiro, RJ

2020

CIP - Catalogação na Publicação

P436s Pereira, Aurea Rachel de França
 Sentidos de comunidade, saberes da natureza e
resistências socioculturais do Morro da Formiga,
Rio de Janeiro / Aurea Rachel de França Pereira. --
Rio de Janeiro, 2020.
 106 f.

 Orientadora: Samira Lima da Costa.
 Coorientadora: Claudia Miranda.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2020.

 1. Morro da Formiga. 2. psicossociologia. 3.
sentidos de comunidade. 4. saberes da natureza. 5.
resistência sociocultural. I. Costa, Samira Lima
da, orient. II. Miranda, Claudia, coorient. III.
Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

SENTIDOS DE COMUNIDADE, SABERES DA NATUREZA E RESISTÊNCIAS SOCIOCULTURAIS DO MORRO DA FORMIGA, RIO DE JANEIRO

Aurea Rachel de França Pereira

Dissertação submetida ao Corpo Docente do Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por:



Prof. Samira Lima da Costa- Orientadora

(Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, UFRJ)



Prof. Celso Sánchez Pereira

(Doutor em Educação, UNIRIO)



Prof. Beatriz Akemi Takeiti

(Doutora em Psicologia, UFRJ)

Rio de Janeiro

2020

À minha afilhada Joana que é gigante ao ensinar sobre a vida e me preenche com amor e sensibilidade tão necessários para ser no mundo.

Agradecimentos

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos que me proporcionou vivenciar o mestrado.

Agradeço aos meus professores, são muitos, e alguns nem sabem que fazem parte desse grupo, por colaborar para minha construção como pessoa e instigar meu interesse pelas “desimportâncias”.

Agradeço à minha família pela estrutura, incentivos e discussões políticas nos almoços. Mãe Ana Letícia, pai Flávio, madrasta Lúcia, irmãos David, Bia, Flávia e Luisa, avós Aparecida e Luci, padrinhos Cica e Simone e primos Artur, Noemi, Daniel, Irene e todos os outros dezesseis muito queridos. Um time robusto que colaborou para que o trabalho fosse concluído.

Agradeço ao Bruno, meu companheiro de longa data, por apoiar a caminhada que escolhi seguir, ajudando da forma que podia para que eu me dedicasse à pesquisa.

Agradeço aos meus sobrinhos, Pedro Henrique, Bernardo e Noah, pelos seres de amor que são e assim reabastecerem meu ânimo nos momentos de cansaço.

Agradeço aos meus amigos e amigas, Clara, Érica, Anielle, Deborah, Letícia, Rafael, Dayana, Thiago, Eduardo, Renata e Camila, que conseguem despertar os melhores sentimentos e assim estimular a caminhada.

Agradeço à minha orientadora, Dra. Samira Lima da Costa, e co-orientadora, Dra. Claudia Miranda, que com paciência inabalável me deram tempo para elaboração do que foi vivido e construção das ideias. Com elas aprendi, para além da academia, sobre ter um olhar sensível e valente sobre a vida.

Agradeço ao professor Dr. Celso Sánchez e professora Dra. Beatriz Takeiti por todos os grandes ensinamentos sobre tudo que envolve a responsabilidade de ser professor.

Agradeço aos meus mestres do Morro da Formiga e demais companheiros de jornada no território que com tanta gentileza me receberam e me ensinaram muito. Percebo que sou outra pessoa após encontra-los.

Agradeço ao LabMEMS que generosamente viveu e elaborou essa dissertação junto comigo. Este trabalho é coletivo do início ao fim.

Resumo

A partir das narrativas, memórias e vivências durante o processo de imersão no Morro da Formiga, o objetivo do estudo, realizado em coautoria com as(os) moradoras(es), foi identificar e refletir acerca dos sentidos de comunidade que compõem o local. Para isso foram buscados alguns marcos de mobilização comunitária e protagonistas dispostos a compor o trabalho. Observou-se a relação com os saberes da natureza e as formas de resistência sociocultural local. A partir de narrativas orais, tematizadas por questões comunitárias na metodologia de Pesquisa Colaborativa, foram levantadas as questões supracitadas para moradores sugeridos através da rede de indicações. Utilizando um referencial teórico da Psicossociologia e da Sociologia, buscou-se reflexões produzidas em processo coletivo acerca dos sentidos de comunidade a partir das memórias de bairro da Formiga para seus moradores. Ao final do processo sugere-se que existe uma íntima relação dos moradores do Morro da Formiga com a natureza, de tal forma que pensar essa distinção perde o sentido, visto que, ser humano e natureza não se dissociam no cotidiano.

Palavras-chave: Morro da Formiga; psicossociologia; sentidos de comunidade; resistência sociocultural; saberes da natureza.

Abstract

Built upon the narratives, memories and experiences during the immersion process in Morro da Formiga, this study, carried out in co-authorship with the residents, aims to identify and reflect on the senses of community that make up the place. For that purpose, some references of community mobilization and protagonists willing to compose the work were summoned and the relationship between the knowledge of nature and the forms of local socio-cultural resistance was observed. Based on oral narratives, themed by community issues following the Collaborative Research methodology, residents suggested through the referral network were asked the mentioned questions. Using a theoretical framework of Psychosociology and Sociology, we sought reflections produced in a collective process about the meanings of community based on the residents' memories of the Formiga neighborhood. At the end of the process, we conclude that there is an intimate relationship between the residents of Morro da Formiga and nature in such a way that thinking a distinction between human beings and nature loses its meaning, since these do not dissociate in everyday life.

Keywords: Morro da Formiga; psychosociology; sense of community; sociocultural resistance; knowledge of nature.

Figuras

Figura 1. Vista do Morro da Formiga.....	45
Figura 2. Queda d'água do Rio Cascata que alimenta o sistema da Sociedade de Água Boa Vista.....	48
Figura 3. Canos de saída da caixa d'água para as casas. Foto: Carlos D.	49
Figura 4. Maquete produzida pelas crianças da Escola Municipal Jornalista Brito Broca representando o Morro da Formiga.....	51
Figura 5. Fachada da sede da Folia Mirim.....	53
Figura 6. Trabalho coletivo no Espaço Formiga Verde.....	55
Figura 7. Imagem via satélite com destaque dos marcos de mobilização comunitária: em verde Espaço Formiga Verde; em laranja E.M. Jornalista Brito Broca; em azul onde acontecem as reuniões da Sociedade de Água Boa Vista; em vermelho Folia Mirim.....	56
Figura 8. Mosaico no muro na rua de entrada do Morro da Formiga.	75
Figura 9. Na sede da Folia Mirim, instrumentos de percussão da Folia de Reis mantidos pelos moradores.....	76
Figura 10. Trabalho coletivo na manutenção do sistema da Sociedade de Água Boa Vista.	77
Figura 11. Moradores da Formiga cuidando do Espaço Formiga Verde em 2019.....	78
Figura 12. Membros reunidos ao final da manutenção do sistema da Sociedade de Água Boa Vista. Foto Carlos D.....	79
Figura 13. Manutenção do sistema da Sociedade de Água Boa Vista. Foto: Carlos D.....	79
Figura 14. Manutenção do sistema da Sociedade de Água Boa Vista. Foto: Carlos D.....	80
Figura 15. Registro da visita à nascente. Foto: Carlos D.	80
Figura 16. O morador e atual encarregado pelo Mutirão de Reflorestamento levou as professoras da Escola Municipal Jornalista Brito Broca para ver a área na qual estavam plantando mudas de árvores da Mata Atlântica em 2018.....	81
Figura 17. Palhaços da Folia de Reis na quadra do Morro da Formiga em noite de festa. Foto: Carlos D.....	84
Figura 18. Couve do Espaço Formiga Verde que virou símbolo de “aguentar firme”. Essa couve foi plantada em 2017, sobreviveu a épocas sem rega, ao incêndio e segue firme trazendo novas folhas que são colhidas e consumidas pela vizinhança.	86
Figura 19. Atividade de plantio guiada pelos moradores com as crianças da Escola Municipal Jornalista Brito Broca no Espaço Formiga Verde. Foto: Carlos D.	90

Abreviaturas e Siglas

ALERJ - Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro;

E.M. Jornalista Brito Broca – Escola Municipal Jornalista Brito Broca;

GEASur – Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur;

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

LabMEMS – Laboratório Memórias, Territórios e Ocupações: rastros sensíveis;

ONG – Organização não governamental;

PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro;

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro;

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro;

UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro;

UPP – Unidade de Polícia Pacificadora;

Sumário

1 Apresentação.....	9
2 O Morro da Formiga – Visões e Leituras	14
3 Capítulo I –Teoria a Serviço da Vida: Epistemologias de Envolvimento.....	19
3.1 Comunidade, sentidos de comunidade e memória de bairro.....	21
3.2 Favelas no Rio de Janeiro	24
3.3 Saberes da natureza, resistências, existências e re-existências.....	29
4 Capítulo II – Caminhar Metodológico: Subir de Kombi e Descer a Pé.....	38
5 Capítulo III – Composição dos Sentidos de Comunidade no Morro da Formiga: Resultados em Análise.....	45
5.1 Marcos de mobilização comunitária do Morro da Formiga	45
5.1.1 <i>Sociedade de Água Boa Vista</i>	46
5.1.2 <i>Escola Municipal Jornalista Brito Broca</i>	49
5.1.3 <i>Folia de Reis Mirim A Brilhante de Belém</i>	51
5.1.4 <i>Espaço Formiga Verde</i>	53
5.2 Narrativas dos moradores: a Formiga, na voz e na visão de seus atores, moradores	57
5.2.1 <i>Antônio, morador da Formiga há 70 anos</i>	57
5.2.2 <i>Sérgio, morador da Formiga há 48 anos</i>	60
5.3 Leituras a partir das interfaces e vozes: a Formiga, na perspectiva da pesquisadora.	68
5.3.1 <i>Categorias informais intuitivas</i>	69
5.3.2 <i>Os sentidos da comunidade, os sentidos do Morro da Formiga</i>	74
5.3.3 <i>Ocupações Urbanas</i>	83
5.3.4 <i>Resistências socioculturais: cinza é adubo</i>	86
5.3.5 <i>Saberes da natureza</i>	89
6 Considerações Finais	95
7 Referências bibliográficas.....	98
8 Anexos	104

1 Apresentação

A Psicologia me ensinou que a nossa trajetória diz muito sobre nossas buscas e que o processo tende a ser mais leve quando nos envolvemos naquilo que nos parece preenchido de sentido. O processo de mestrado é intenso, são muitos atravessamentos em esferas pessoais, relacionais e políticas. Durante esse período somos convidados a olhar para qual “tipo de aluno” somos para desenvolver o “tipo de professor” que desejamos ser.

Meu histórico escolar sempre foi “na média”, uma aluna quieta, que não atrapalhava a aula e também não tinha o menor interesse por ela. A escola sempre foi cansativa. Tive oportunidade de estudar em escolas particulares com jardins, mas só podia ficar por lá durante 20 minutos do dia. Fui então estudar em uma cooperativa de professores chamada COOPEDAT (Cooperativa Educacional Amigos da Terra) em Jacarepaguá/ RJ, na qual, por turma, eram aproximadamente 10 estudantes. Uma escola com muita área verde e com professores que percebiam quando as crianças precisavam estar mais fora do que dentro da sala. Descobri que era possível ter alto desempenho. Aprendia testando, sabia que em um problema de física era absurdo desconsiderar o atrito da superfície e a resistência do vento, mas que isso fazia parte do jogo para passar nas provas e concursos. Hoje percebo que naquela época descobri que o contexto no qual as coisas acontecem importa. Importava ali o contexto de cada estudante, importava como eu havia chegado e o que carregava comigo.

Da cooperativa fui para uma escola técnica estadual em Quintino/ RJ, e conheci a complexidade. Um contexto negro, pobre e privilegiado (fugia à regra ser negro, pobre e estar se profissionalizando). Minha realidade branca era minoria naquele ambiente, experimentei a violência nas relações e o sentimento de matilha na luta. Passei a brigar para ser respeitada ao fazer sinal para que um ônibus parasse no ponto quando estava vestida com uniforme escolar, fomos à ALERJ exigir passe livre para estudantes, que viria em forma de RioCard Escolar, pedimos merenda, manutenção do prédio e pedimos aula à direção.

Após o Ensino Médio, em um pré-vestibular comunitário, resolvi que me dedicaria a estudar contextos e complexidades através da Psicologia. Obviamente não tinha clareza alguma sobre esses conceitos. Passei para uma universidade particular com bolsa integral. Chegando à PUC-Rio encontrei com pessoas que

tinham estudado comigo na infância e com outras que tinham estudado comigo na escola estadual, reencontrei também a relação de serviço que existia nas escolas particulares que havia estudado. Havia estrutura, muito mais conforto térmico que a minha casa e as pessoas eram gentis nas palavras. Mas acabou a matilha, “tudo funcionava bem” e era cada um por si.

A Psicologia oportunizou um aprendizado inenarrável, mas que era voltado para o indivíduo. Logo no início percebi que as relações de consultório não correspondiam às minhas expectativas, então voltei minhas energias para o ritmo acadêmico, fui monitora da disciplina Psicologia Social por dois anos e meio, bolsista CNPq nos últimos dois anos da graduação e fiz estágio profissionalizante em Psicologia Socioambiental.

A monografia que escrevi na graduação foi totalmente contaminada por meus anseios por justiça ambiental, tema que comecei a conhecer durante o estágio profissionalizante. Na época eu fazia parte de um grupo de pesquisa sobre o uso de smartphones feito por jovens - brancos, classe alta, estudantes de uma universidade. E isso virou uma monografia sobre o descarte desses aparelhos eletrônicos, quais as consequências e sobre quem recaem essas consequências - crianças negras, em condições insalubres de vida, sem qualquer acesso à educação básica. Apresentei esse trabalho no II Fórum de Educação Ambiental Crítica da UNIRIO em 2014 e no III Congresso Internacional de Educação Ambiental dos Países e Comunidades de Língua Portuguesa em Portugal em 2015.

Durante o estágio profissionalizante me aproximei da rotina de uma ONG de Educação Ambiental em escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro. Olhei para a Educação Básica com uma nova perspectiva. Percebi meu passado em algumas daquelas crianças entediadas com a rotina escolar e escolhi atuar na Educação como política. Comecei a estudar sobre Educação e ao mesmo tempo fui me envolvendo cada vez mais com as ações da ONG, trabalhando, questionando, melhorando e piorando sua atuação. Após a graduação fiz uma especialização em Educação Ambiental para ter maior embasamento teórico para tratar sobre o tema.

Atualmente vejo que conquistei diplomas para perceber o óbvio e respeito a importância dessa caminhada na minha formação como pessoa. Então, para buscar transformações através do óbvio, parei de ficar tentando inventar soluções adaptadas à cidade e decidi ouvir a cidade. Com cidade quero dizer as pessoas da cidade. Início este trabalho sobre os sentidos de comunidade me aproximando do

contexto e complexidades do Morro da Formiga, localizado no bairro Tijuca, zona norte do município do Rio de Janeiro.

Mesmo sem ainda ser capaz de traduzir e entender tudo que vivi no Morro da Formiga, aproveito as brechas sensíveis da academia às quais fui generosamente apresentada durante o processo do mestrado através do Laboratório Memórias, Territórios e Ocupações: rastros sensíveis (LabMEMS) e do Grupo de Estudos de Educação Ambiental desde el Sur (GEASur) somados aos ensinamentos que recebi dos companheiros de caminhada no Morro da Formiga para compor nesta dissertação uma homenagem. Essa ciência sensível produz coletivamente um relato através das existências e re-existências que ultrapassam a limitação de olhar as resistências. O Morro da Formiga é um lugar que pulsa vida e não só sobrevivência. Pulsa existência e não só resistência. Seria injusto ignorar todas as problemáticas que são impostas na estruturação da vida da pessoa negra moradora de favela no Rio de Janeiro. Neste trabalho, que carrega o nome do Morro da Formiga, haverá mais espaço para o próprio Morro da Formiga do que para o estado opressor e as classes média e alta, brancas, racistas.

O Morro da Formiga é um espaço contra colonial, conforme propõe Antônio Bispo dos Santos (2019), pois a contra colonização é compreendida como todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios, símbolos, significações e modos de vidas dos povos contra colonizadores (Bispo dos Santos, 2019). As lutas da Formiga não são apenas resistência, também compõem a existência porque não podemos ignorar que a guerra é constante. Existências são formadas em guerra, no sentido que propõe Ailton Krenak na série documental “Guerras do Brasil.doc” (2019), salientando que alguns povos estão em guerra há gerações, desde, pelo menos, as invasões brancas europeias.

Assumo a posição de aprendiz da vida para produzir uma dissertação cientificamente apoiada nos afetos e nos saberes com os quais pude ter contato no período de coprodução deste trabalho. Não desejo registrar certezas e sim o relato de um processo formativo comprometido com todos e todas as envolvidas e com entregas significativas. Os moradores do Morro da Formiga são referências de embasamento para este trabalho. Conforme afirmou Antonio Bispo dos Santos, mestre quilombola, morador do quilombo Saco-Curtume/ PI, “nós não temos teoria,

nós temos trajetória”¹. Ressaltando que esta trajetória é sustentada pela cosmologia que existe desde o início da existência humana. Nesta mesma fala Bispo propõe que a universidade não produza pesquisas e sim compartilhamento de saberes.

A aproximação com o Morro da Formiga aconteceu aos poucos. Em 2014 iniciei uma especialização em Educação Ambiental na PUC-Rio em busca de elementos que ajudassem a questionar e aprimorar minha atuação em uma ONG que atua no campo da Educação Ambiental. Nesta jornada me aproximei do Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur (GEASur) que apresentou a Educação Ambiental Crítica e no qual vários membros realizavam trabalhos junto ao Morro da Formiga. Neste período não tive a oportunidade de conhecer o Morro da Formiga pessoalmente, mas pude ler e ouvir as experiências dos meus colegas e perceber que era um espaço no qual poderia ampliar minhas perspectivas de atuação aprendendo com o que o GEASur chamou de “Educação Ambiental de Base Comunitária”. Esta passou a ser então uma busca com muito sentido para mim.

Com o objetivo de conhecer e experimentar mais as possibilidades de aprendizagem e troca de saberes, desejando ser uma professora afetada e aliada ao outro, ingressei no mestrado do Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, que apareceu como uma feliz possibilidade de unir minha graduação em Psicologia à minha prática em Educação Ambiental. Neste processo novas possibilidades de campos de estudo além da Educação Ambiental surgiram e fui, finalmente, pessoalmente até o Morro da Formiga.

Neste ponto, ao chegar ao Morro da Formiga, começo minha declaração de amor altamente tendenciosa e emotiva. Para contar sobre isso em alguns momentos eu vou chorar abertamente e em outros vou contar apenas o suficiente. A encomenda dessa dissertação, que a esta altura – bem próxima ao início mesmo - não é mais só minha, pede narrativas específicas e também pede limites.

Para avançar na explicação acerca do recorte no tempo e espaço que preenche este trabalho, terão momentos nos quais vou recorrer a uma lente distanciada, mas assim que possível eu retomo a escrita afetiva. Ao ouvir e olhar um território (estando dentro ou fora dele), desprendidos das expectativas carregadas

¹ Fala de Antonio Bispo dos Santos em aula aberta durante a disciplina Narrativas ministrada pelas professoras doutoras Samira Lima da Costa e Beatriz Akemi Takeiti em junho de 2019 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS).

do histórico colonial-higienista, nos colocamos mais próximos do que essa rede de pessoas é e quer ser. É possível, assim, notar os movimentos de desenvolvimento local a partir das iniciativas dos moradores e o estabelecimento das ocupações urbanas.

2 O Morro da Formiga – Visões e Leituras

A partir de uma revisão das pesquisas acadêmicas realizadas no Morro da Formiga, foi possível notar uma estreita relação com a natureza presente no território. Vale ressaltar que os trabalhos lidos estavam em busca dessa relação, assim como eu, e suas contribuições serão compreendidas aqui como visões sobre a Formiga e não necessariamente como uma descrição do que a Formiga é. Essa busca por assuntos afins ao meio ambiente tornou os saberes da natureza minha pré-conexão temática ao Morro da Formiga.

A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) possui dois grupos de pesquisa relacionados à Educação Ambiental com atuação no Morro da Formiga, principalmente vinculados à Escola Municipal Jornalista Brito Broca. São eles o Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur (GEASur) e o Laboratório de Ações e Pesquisas em Educação Ambiental (LAPEAr) com atividades englobadas na rotina escolar. A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) também está presente através do departamento de Nutrição em um acompanhamento sobre produção de alimentos orgânicos e agroecológicos. A aproximação começou através do projeto da Prefeitura do Rio chamado Hortas Cariocas no qual a horta do Morro da Formiga é destaque no município, e culminou em uma aproximação com a Escola Municipal Jornalista Brito Broca que possui vínculo com diversas iniciativas da Formiga.

A dissertação de Silva (2016) descreve sobre as Sociedades de Água, organizações de moradores para gestão e distribuição da água proveniente de nascentes presentes no Parque Nacional da Tijuca, e como isso gerou uma preocupação contínua com a floresta do entorno do Morro da Formiga. Silva também discorre sobre o desfile da Folia de Reis como algo marcante na cultura do Morro da Formiga com alta participação dos moradores. Em outra perspectiva, com o olhar voltado para o que o estado leva para o Morro da Formiga, Figueiredo (2016) realizou um estudo sobre o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Jornalista Brito Broca, escola de Ensino Fundamental localizada na Formiga. Nesta análise foi possível notar que existe uma intenção da escola em se aproximar da cultura local através do pensamento crítico e do que chamam “formação de cidadãos com consciência local”, mas ao mesmo tempo, na época, não havia nada que se

referisse especificamente aos saberes da natureza ou educação ambiental, temas frequentemente presentes nas atividades da escola hoje.

Os trabalhos acadêmicos realizados acerca do Morro da Formiga também ressaltam suas lutas e como a relação com o meio ambiente faz parte de sua vivência e resistência. As Sociedades de Água, por exemplo, precisaram se organizar porque não havia abastecimento para o Morro através da companhia gestora de água no Rio de Janeiro. Para caminhar em direção a essas e outras reflexões, mais informações e contextualização acerca da realidade da Formiga são necessárias.

Um panorama geral sobre a Formiga é importante para entendermos suas proporções. A região do Morro da Formiga, com acesso pela Rua Conde de Bonfim, uma das principais vias do bairro Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro, começou a ser mais intensamente ocupada em 1940 por migrantes de Minas Gerais e Espírito Santo (Silva, 2016). Conforme indicam os dados do IBGE levantados no Censo 2010, a Formiga possui uma população aproximada de 4.312 moradores em 1.279 domicílios. Sua área é de 199.255m², mal comparando, seria equivalente a pouco menos do que um e meio estádio do Maracanã. No final dos anos 80 o Morro da Formiga foi uma das comunidades do Rio de Janeiro que sofreu com os deslizamentos em época de fortes chuvas. Em 1987 foi iniciado o programa da prefeitura “Mutirão de Reflorestamento” para plantio de árvores nativas com o objetivo de conter encostas e recuperar áreas verdes da cidade. Apesar da proximidade com o Parque Nacional da Tijuca, a região era predominantemente alastrada de capim colonião, espécie vegetal de raiz superficial que não colabora com a firmeza do solo. O trabalho do Mutirão de Reflorestamento, que acontece até hoje e é realizado por moradores encarregados, já recuperou e modificou a paisagem do Morro da Formiga.

A aproximação com os moradores da Formiga propiciou notar que não é comum o uso do termo “comunidade” para se referir ao local. O mais comumente utilizado é simplesmente “a Formiga” no gênero feminino e não “o Formiga” em referência ao nome “Morro da Formiga”. Ao longo do trabalho haverá a preocupação em respeitar a nomeação adotada pelos moradores, o que pode ocasionar certa repetição no texto. Termos diferentes serão utilizados quando se referirem a discussões teóricas e conceitos preestabelecidos por outros autores citados. A forma como nos referimos aos diferentes espaços da cidade precisa ser sensível

aos sentidos produzidos pelas pessoas que compõem este lugar. Esta questão torna-se uma valiosa oportunidade de marcar a importante quebra da dicotomia entre pesquisador, proprietário do saber teórico, e “pesquisados”, contribuintes apenas com os “fatos”, sinalizada por Portelli (1996). Sendo assim, o presente trabalho foi construído em composição de narrativas e vivências.

A partir das narrativas, memórias e vivências durante o processo de pesquisa, tomei como objetivo do estudo e busquei junto aos moradores do Morro da Formiga identificar e refletir acerca dos sentidos de comunidade que compõem o local. Para isso procurei identificar os principais marcos de mobilização comunitária e atores dispostos a compor este trabalho.

Para desenvolver o texto acerca desta caminhada, o primeiro capítulo versará sobre o referencial teórico que orientou a formação de pensamento para a chegada ao Morro da Formiga e foi transformado pela experiência. A psicossociologia se apresenta como transversal a toda a discussão e anuncia os sentidos de comunidade como temática de atenção principal deste trabalho. Acompanha o desenvolvimento do tema da pesquisa a discussão acerca de comunidades, memórias de bairro e saberes da natureza.

A psicossociologia oportuniza a abertura da escuta para as polifonias do campo. Os sentidos de comunidade são formados pela diversidade de vivências e as memórias de bairro específicas de um local de atenção (Costa e Castro-Silva 2015). Estas memórias não possuem versão unânime, pelo contrário, ela é incorporada de divergências e contradições (Costa, 2008). Assim os sentidos de comunidade são compostos por todos os atores envolvidos agregando a noção de pertencimento (Costa e Castro-Silva, 2015). No contexto de favelas cariocas existem fortes pressões sociais que atravessam as identidades e ofuscam a identificação dos seus sentidos de comunidade. Através da interculturalidade crítica (Walsh, 2009) o desembaçamento acontece por firmar bases na versão de si contada pela própria comunidade e movimentos sociais. E isso permite perceber as resistências, existências e re-existências expressas diariamente e, em conexão com a ancestralidade, baseadas em saberes da natureza que resgatam a integralidade de ser-natureza.

O segundo capítulo conta como o Morro da Formiga construiu o caminhar metodológico. No contexto da pesquisa apenas é possível conectar sentido com uma metodologia qualitativa em colaboração. A inspiração na cartografia social

emprestou contorno à vivência intensa de campo. Em um processo coletivo as vivências registradas em diário de campo, somadas às narrativas tematizadas por questões comunitárias e trocas generosas ao longo do percurso formam a composição que produz a pesquisa.

A metodologia é um eixo importante neste trabalho por, desde o início, ser objeto de atenção para a construção de objetivos resolutivos junto com os parceiros do campo. O processo visou o compartilhamento de saberes em um caminhar no qual a pesquisadora buscou ferramentas da academia para instrumentalizar necessidades levantados pelo campo. Reforçando o papel da universidade de aliada à sociedade na resolução de problemas. Através do envolvimento e da presença, projetos foram desenvolvidos assim como entregas pontuais, além do desenvolvimento do relatório final de dissertação.

O último capítulo traz as narrativas compostas com o Morro da Formiga. Uma produção afetuosa sobre o processo de construção desse trabalho descreve os marcos de mobilização comunitária e busca notar de que modo as resistências socioculturais e saberes da natureza estiveram presentes nas narrativas de sentidos de comunidades. E foi justamente refletindo e trocando ideias com os meus companheiros de caminhada sobre este capítulo que pensar as existências passou a fazer sentido, juntamente com a identificação dos saberes de promoção da vida.

A ideia de biointeração proposta por Antonio Bispo dos Santos (2019) na qual o autor reforça que a vida é feita de fluxos e confluências complementa a discussão acerca de sermos natureza na relação entre corpo, sociedade e ambiente (Loureiro e Costa, 2003). A transformação acontece ao compreendermos a estrutura social, seus corpos únicos e em conjunto, e como participantes de um sistema interligado. A psicossociologia transita por essas possibilidades de leituras de mundo considerando o ser-natureza como potente sinal de existências outras que ainda não são plenamente compreendidas pelos meios acadêmicos de estudo, mas que há muito são vividas pelos povos no planeta.

O processo de escrita, além de caracterizar registro, também colabora para a organização do que foi vivido propondo elaboração. O texto foi modificado algumas vezes diante das afetações e compreensões que surgiram mais próximas ao final do processo e propiciaram uma nova leitura e ajustes de todo o raciocínio escrito inicialmente. A expectativa é que seja possível honrar o acolhimento e ser coerente

ao que me propus junto ao Morro da Formiga nesta produção de ciência colaborativa e com afeto.

3 Capítulo I – Teoria a Serviço da Vida: Epistemologias de Envolvimento

Para auxiliar a caminhada de atenção aos sentidos de comunidade do Morro da Formiga e sua relação ou não com resistências socioculturais e saberes da natureza, uma trama teórica foi desenhada. Este trabalho compreende uma tentativa de constante deslocamento de olhar ao me relacionar com o campo em sua complexidade. Um exercício de afastamento de visões lineares da relação entre causa e efeito e de aproximação a uma escuta atenta à polifonia de saberes, ciências e razões (Fonseca, 2013). A curva para seguir este caminho é influenciada pela psicossociologia que enxerga os fenômenos em um nível intermediário entre o individual e o macrossocial (Costa, 2008).

A psicossociologia é comumente apresentada como um tear entre a psicologia e a sociologia, a partir de um entendimento pautado nas representações sociais propostas por Moscovici (2015), se interessando pelas trocas e interações produzidas entre os mundos individual e social. Neste caso, a psicossociologia acontece de forma a considerar o que qualifica como particular e como coletivo, compreendendo um fluxo constante de representações construídas e adquiridas. Nasciutti (1996) explicou as implicações da psicossociologia com a seguinte perspectiva:

A complexidade do sujeito em seu meio não permite que ele seja estudado sob um único ângulo e é essa convicção que me conduziu a uma posição interdisciplinar, onde vejo o lugar da Psicossociologia, cujas bases são as relações que o indivíduo mantém com o social, os determinismos sociais e psíquicos que atuam nessas relações, o modo como estas se estruturam e os efeitos da interação desses determinantes sobre o indivíduo. (Nasciutti, 1996, p. 53).

A psicossociologia convida ao olhar tridimensional, que percebe o indivíduo diversos ângulos. E, assim, sugere que este sujeito está em uma sociedade à qual influencia e é influenciado. Guardando então a sobreposição entre duas peças tridimensionais, o indivíduo e a sociedade na qual está inserido.

É possível também compreender a psicossociologia como um campo independente da psicologia e da sociologia. A construção do conhecimento em psicossociologia pode partir das possibilidades e aberturas para metodologias outras de interação e busca de significado. E tratando a psicossociologia como um campo do saber próprio talvez seja possível interagir com melhor costura com os

pensamentos decoloniais e contra coloniais, tão necessários para aprender com as formas de ser no sul global.

O antropólogo colombiano Adolfo Albán Achinte em seu processo de investigação acerca dos estudos culturais latino-americanos convida-nos a refletir sobre a decolonialidade como processo fundamental para compreender a vida no sul global. A colonialidade, enquanto efeito do colonialismo da época das Grandes Navegações, acontece através de “situações de dominação e opressão definidas pelo estabelecimento de fronteiras dicotômicas e hierárquicas - de gênero, orientação sexual, raça/ etnia, classe social e localização geográfica, por exemplo” (Jardim e Cavas, 2017, p. 75). E para lutar contra um processo de ataque às identidades ainda em curso desde a colonização (Bispo dos Santos, 2019), as comunidades criaram ações de resistências socioculturais nas quais marcam e salvam suas existências.

Entendemos la decolonialidad como el proceso por medio del cual reconocemos otras historias, trayectorias y formas de ser y estar en el mundo, distintas a la lógica racional del capitalismo contemporáneo como expresión cultural (Jameson, 1995; Zizek, 1998), humanizando la existencia en el sentido de devolver la dignidad a quienes por fuerza del proyecto hegemónico moderno/colonial fueron considerados inferiores o no-humanos. (Achinte, 2013, p.452).

O reconhecimento acadêmico de lógicas outras de existência reconta a vida permitindo que as lacunas mal cobertas pelo pensamento colonial sejam olhadas com a intenção de ocupação e luta. As lógicas outras sempre existiram, o pensamento decolonial destaca a importância da história ser contada a partir desta versão colonialmente subalternizada.

A psicossociologia pode, talvez, oportunizar o rompimento com as repetições acadêmicas para abrir espaço às outras narrativas de mundo. Narrativas que mostram outra relação com a terra e outra compreensão do que compõe a dimensão individual e o que compõe a dimensão social de forma que essa divisão em dimensões nem sequer faça sentido. Por hora não possuo elementos para alargar a discussão sobre o potencial da psicossociologia, mas ressalto a importante sensação de assunto inacabado que possibilita a chegada do desconhecido.

Retornando aos sentidos hegemônicos, a terra, confundida com território em conotação material, demarcado e dominado faz parte de disputas de poder no Brasil desde, pelo menos, a colonização europeia. Por isso também se faz necessário

alinhar o entendimento sobre o lugar no qual as relações psicossociológicas são produzidas e que elas produzem. O Morro da Formiga pode ser terra, comunidade, território material e de poder, entre outros, dependendo da intenção de leitura.

3.1 Comunidade, sentidos de comunidade e memória de bairro

Ao olhar para as relações que o indivíduo estabelece com seu meio social e como isso o afeta, diante do contexto urbano destacado nesta pesquisa, encontramos a discussão acerca das comunidades. Os usos do termo comunidade podem ser controversos, por isso, para este trabalho, a discussão sobre o tema guarda sua importância na apresentação da compreensão crítica adotada e não tanto em uma busca por conceituação.

O sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (1957) propõe um contraste entre dois modos de ordem social aos quais nomeia: *Gemeinschaft* (comunidade) e *Gesellschaft* (sociedade). O autor sugere que é na comunidade (*Gemeinschaft*) - ordem social baseada no consenso das vontades, harmonia, comportamento tradicional e religião - que a vida e cultura popular persistem. Essa conjuntura estaria em oposição à sociedade (*Gesellschaft*) - ordem social baseada na união de vontades racionais, convenção, salvaguardada pela legislação política - que representada pelo Estado teria a intenção de afastar-se das formas de vida comunitárias em busca de controle econômico. Nesse caso as comunidades, com um apelo de “grande família” ou clãs, acabam assumindo um papel de resistência cultural contra o apagamento impulsionado pelas forças hegemônicas da sociedade.

A ideia de comunidade é, muitas vezes, vista como o espaço seguro e saudável nas relações entre o indivíduo e o coletivo (Bauman, 2003). E diante desse imaginário comum sobre comunidades, Bauman discute a possibilidade de existência real de um grupamento humano que viva com uma qualidade de segurança suficiente para uma “vida feliz”. Segundo o autor, se comunidade é o espaço de segurança tão romantizado no imaginário, hoje, comunidades não existem. Seguindo essa linha, Bauman também argumenta que “guetos” (termo proposto pelo autor para se referir a locais de moradia urbana de grupos sócio-étnico-raciais segregados e marginalizados) são incompatíveis com comunidades, pois, por mais que nesse espaço se compartilhem histórias de vida, situações vividas semelhantes e lutas coletivas, é um local de políticas de exclusão. Portanto a

concepção dos “guetos” é incompatível à segurança (de direitos, minimamente) e conseqüentemente às noções imaginadas de comunidade.

Acompanhando a relação entre comunidades e agrupamentos urbanos, Leeds & Leeds (2015), propõem a ideia de “localidade” como uma tentativa de diminuir a descontextualização provocada pelo uso do termo “comunidade” para descrever espaços de interação que os autores chamam de “favela ou bairro pobre”. As localidades são descritas por Leeds & Leeds conforme destacado no trecho:

O termo localidade, todavia, refere-se, no contexto das distribuições geográficas humanas, aos loci de organização visivelmente distintos, caracterizados por coisas tais como um agregado de pessoas mais ou menos permanente ou um agregado de casas, geralmente incluindo e cercadas por espaços relativamente vazios, embora não necessariamente sem utilização. (Leeds & Leeds, 2015, p.70).

Em complementação à noção de localidade, Leeds & Leeds acrescentam o que chamam de “estruturas supralocais” para nomear aquilo que está na localidade, mas não é originário de lá. O estado é um exemplo de instituição supralocal que pode estar na localidade através de escolas e incursões policiais. As estruturas supralocais são importantes de serem consideradas, pois geram atravessamentos na localidade e, portanto, também às compõe. A relação entre as localidades e as estruturas supralocais complementam a noção que os autores fazem questão de destacar de que as localidades estão inseridas em um contexto, uma cidade, um país e influenciam e são influenciadas por eles. Em resumo “localidades seriam pontos nodais de interação onde há uma rede complexa de diversos tipos de relações” (Alvito, 2001, p.52). Esta sinalização da influência das estruturas que são externas à comunidade, mas que promovem impactos dentro da mesma é cara a esta discussão porque no Morro da Formiga a escola que hoje alfabetiza a terceira ou quarta geração de moradores possui importância e estreita relação com os modos de existir no local.

A premissa sugerida é que entendamos comunidade de forma paradoxal, pois compreende ao mesmo tempo integração e autonomia, diferenciação e identificação (Costa e Castro-Silva, 2015). Assim deixamos o conceito aberto para várias aplicações. Interessa-nos perceber que a relação entre comunidade e sociedade pode ser ao mesmo tempo limitada e fragmentada como íntima e indissociável, no caso das comunidades urbanas (Costa, 2008, p.39). E, portanto, possuída de

sentidos diversos que dependem da experiência coletiva e individual nos contextos analisados.

A formação da ideia de sentidos de comunidades ou “sentidos da comunidade” como sugerem Costa e Castro-Silva (2015) - quando apontam que para a prática desse tema é necessária a experiência específica da comunidade em foco - é a principal para a presente discussão referindo-se à raiz do que significa a constituição coletiva da comunidade para as pessoas envolvidas. Portanto “os sentidos de comunidade são mobilizados no e pelo coletivo, impulsionando a participação social em torno da construção de identidades que se transformam conforme os diferentes contextos sócio-históricos” (Costa e Castro-Silva, 2015, p.289). A partir dessa compreensão poderíamos dizer que a comunidade é formada a partir dos seus sentidos. O que, por sua vez, limita o poder do outro em determinar o que aquele espaço físico e de relações significa.

A construção dos sentidos de comunidade não depende de uma visão uníssona sobre o local e as experiências. Os sentidos de comunidade são forjados diante da naturalidade das relações cotidianas. Dessa forma reforçando “o sentimento de pertença e de importância mútua existente entre os membros de uma comunidade, produzido nas relações cotidianas, entre convergências, divergências e conflitos” (Costa e Castro-Silva, 2015, p.285). E esta produção pode ser pensada em um recorte de tempo. Incluindo a questão temporal podemos ressaltar que os sentidos da comunidade ressignificam as memórias diante dos movimentos do presente.

Essa predisposição dos sentidos de comunidade ser compostos por todas as versões contadas e sentidas permite que o processo aconteça com a contribuição das memórias de bairro. A memória de bairro é inclusiva, pois não seleciona um roteiro oficial e não exclui os que se afastam deste, leva em conta as particularidades, incorporando as contradições (Costa, 2008), considerando parte integrante toda a modificação desta memória gerada pelo afeto. Neste caso é importante destacar que o bairro tem seu limite desenhado através da afetividade, uma experiência de lugar como espaço vivido. Por isso as memórias de bairro estão intimamente ligadas aos sentidos de comunidade.

O conhecimento sobre sua história e origem de suas manifestações culturais também está relacionado à tecedura construída coletivamente da memória de bairro. As memórias de bairro são resultado das memórias individuais influenciadas pela construção coletiva e que formam a compilação das memórias sobre um bairro,

normalmente pelas pessoas que compõem a vida desse espaço (Costa e Maciel, 2009). Os sentidos de comunidade complementam essa noção da memória de bairro agregando a essência de um sentimento de pertencimento e importância entre os moradores de uma comunidade (Costa e Castro-Silva, 2015).

Ao levar essa construção conceitual ao contexto da presente pesquisa acadêmica, é importante reconhecer que para o ator externo o processo de escuta dos sentidos de comunidade é dificultado pela falta de elementos - entre eles a bagagem de vivência no contexto - para compreender completamente o que é dito e sinalizado, como também o que não é dito. Visto isso se faz necessário reforçar que não tenho a intenção e sequer a capacidade de ser protagonista em contar a história do Morro da Formiga, mas com este trabalho me disponibilizo a ser aliada em suas lutas. Algumas nuances sobre a Formiga serão destacadas para que, faltando condições e tempo para compreender tudo, as resistências socioculturais e saberes da natureza sejam, se for o caso, identificados.

3.2 Favelas no Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro, a partir de uma crise habitacional e política relacionada com o advento da República no século XIX e início do século XX (Abreu, 1994), as moradas da população mais pobre, chamadas de cortiços, eram vistas como locais que ferem a ordem pública, espaços de transmissão de doenças, vícios e malandragem (Valladares, 2005). Essas formas de representar os cortiços serviram a uma política higienista que justifica a destruição desses espaços com a preservação da saúde pública.

Ainda hoje é imposto às favelas um olhar degradante movido também por coberturas fotojornalísticas problemáticas de dicotomia da cidade entre progresso e atraso (Esteves, 2013). As interpretações distanciadas de que as favelas são locais sem valor e de perigo, além de demonstrar pouco conhecimento sobre a cidade, correm o risco de legitimar, com o apoio da população privilegiada, por exemplo, ações armadas violentas por parte do Estado e até remoções dos moradores desses locais com pouca ou nenhuma negociação (Faulhaber e Azevedo, 2015). As injustiças sobre os ombros da população pobre e negra acontecem em diversos níveis assim como “a resistência nas favelas envolve lutas que atravessam os planos da infraestrutura urbana, os direitos (civis, políticos e sociais), o simbólico,

que também passam pelo reconhecimento da diversidade e da “pluralidade cultural” (Miranda, 2015, p.230).

Ao chegar ao Morro da Formiga, vou aos poucos aprendendo sobre a importância da denominação para me referir ao local. Em certo momento eu chamo de comunidade e percebo a ironia associada a este termo pelos moradores que não reconhecem o Morro da Formiga assim. Assumo a opção de sempre usar “Morro da Formiga” e em conversas futuras passo a ouvir o termo ‘território’ e arrisco utilizá-lo algumas vezes. Até que em uma conversa dois moradores da Formiga gentilmente me explicam que território é um termo mais geográfico e parece termo militar de guerra. Contam que já usaram “território” para se referirem à Formiga, mas depois de algumas conversas e reflexões sobre isso perceberam que a utilização de “comunidade” e “território” esconde e reforça um sentimento de vergonha sobre ser da favela. Por isso é necessário assumir favela como forma de nomeação do Morro da Formiga e do qual devem sentir orgulho de pertencer e não vergonha. A vergonha foi imposta, o orgulho elas e eles mesmos produzem.

A discussão sobre a ressemantização do termo “favela” ocorre em um sentido similar ao que Antonio Bispo dos Santos escreve sobre a ressignificação dos termos “quilombo” e “povos indígenas”:

Ao acatarmos essas denominações, por reivindicação nossa, mesmo sabendo que no passado elas nos foram impostas, nós só o fizemos porque somos capazes de ressignificá-las. Tanto é que elas se transformaram do crime para o direito, do pejorativo para o afirmativo. Isso demonstra um refluxo filosófico que é um resultado direto da nossa capacidade de pensar e elaborar conceitos circularmente. (Bispo, 2019, p.73).

O Morro da Formiga pulsa esta capacidade filosófica, afetiva e criativa de ser favela do jeito que faz sentido para os moradores. Assim compondo uma ocupação urbana viva nas manifestações culturais do samba e Folia de Reis, acontecendo o cuidado com a floresta e as práticas de plantio como fluxo comum da rotina. Ou seja, a ocupação urbana marcada na própria existência.

Os sentidos de comunidade e as memórias de bairro, não definem, mas compõem as ocupações urbanas. De um modo geral, as ocupações urbanas podem ser definidas como:

identidadesterritorializadas que exercem posse planejada, pacífica e informal em espaços urbanos não utilizados, subutilizados ou não edificadas, e se mantêm em mobilização continuada pelo acesso à terra urbana e pelo exercício dos direitos à moradia e à cidade. (Dias et al, 2015, p.206).

O que concentra nas noções materiais de espaço físico a composição das identidades e cabem ao contexto de favela destacado neste trabalho. Porém ressaltar a dimensão imaterial das ocupações urbanas guarda importância no reconhecimento da não limitação geográfica de expressão e ocupação.

Os sentidos de comunidade provocam ocupações urbanas. As relações produzem, não são apáticas, elas têm memória e ancestralidade. As ocupações urbanas são, em um movimento através da vida, a apropriação material e imaterial de espaços que foram roubados. São vidas que ocupam o espaço urbano e que pontuam re-existência. Nesse trabalho trato como ocupações urbanas o movimento da comunidade de dar sentido ao território. E neste contexto a compreensão de território possui maior amplitude do que as ocupações urbanas. Conforme Costa e Mendes explicam território:

São, portanto, espaços permanentes de construção, desconstrução e reconstrução, como suas territorialidades e desterritorialidades, onde se revelam a pluralidade, as diferenças, as singularidades e a heterogeneidade, seus poderes, suas forças, culturas e dimensões simbólicas e subjetivas. (Costa e Mendes, 2014, p. 20).

As ocupações urbanas não são necessariamente físicas, podem ser consideradas a reunião de elementos de cultura. Também podem propositalmente estar presentes em espaços colonizadores. E às vezes são manifestações silenciosas que só aparecem aos que importam, talvez em uma postura de autopreservação.

Os sentidos dados aos territórios ocupados também são sinônimos de resistência contra imposições hegemônicas sufocadoras. Os moradores de favelas no Rio de Janeiro vivem uma guerra diária simplesmente por suas existências.

O confinamento dos que habitam os Quilombos Urbanos (favelas e morros) é, portanto, reflexo da degenerescência das suas identidades por ocuparem um tipo de não lugar. São por vezes, confinamentos psíquicos que atropelam suas inúmeras possibilidades de ir e vir, de viver a cidade, de sentir-se parte do todo e de viver decolonialmente, em trânsito. (Miranda, 2015, p.245).

O conceito de interculturalidade crítica proposto por Catherine Walsh (2009) colabora para estarmos atentos ao quanto o olhar distanciado e colonizador acerca das favelas sufoca suas culturas. O termo interculturalidade tem sido apropriado por diferentes formas de saber, com posicionamentos muitas vezes opostos. Por isso torna-se necessário classificá-la em interculturalidade funcional ou crítica, para ficar mais clara a maneira como fará sentido para este trabalho.

Na interculturalidade funcional ocorre uma abertura para incluir diferentes culturas no sistema. E disfarçada de valorização da diversidade cultural é feita mais uma estratégia de controle. Como aponta Catherine Walsh ao falar sobre política multicultural no estudo sobre interculturalidadecrítica e pedagogia decolonial:

É uma estratégia política funcional ao sistema/ mundo moderno e ainda colonial; pretende “incluir” os anteriormente excluídos dentro de um modelo globalizado de sociedade, regido não pelas pessoas, mas pelos interesses de mercado. Tal estratégia e política não buscam transformar as estruturas sociais racializadas; pelo contrário, seu objetivo é administrar a diversidade diante do que está visto como perigo da radicalização de imaginários e agenciamento étnicos. (WALSH, 2009, p.20).

Os grandes centros, por exemplo, são lugares “multiculturais” que expulsam a população tradicional para dar espaço às diferentes culturas. Em uma perspectiva bastante incoerente, são criados espaços controlados de manifestação cultural, no qual são escolhidas as culturas que tem valor para determinado grupo de pessoas. Então a cultura tradicional local é excluída e maquiada de “respeito à diversidade” com outras intervenções culturais que interessam.

A interculturalidade crítica propõe um alcance além da cultura artística, é discutida a base da questão. São questionadas as marginalidades sociais e culturais, na perspectiva de que se não houver transformação política, o diálogo com diferentes manifestações culturais nunca será realmente incorporado.

A interculturalidade crítica parte do problema do poder, seu padrão de racialização e da diferença (colonial, não simplesmente cultural) que foi construída em função disso. O interculturalismo funcional responde e é parte dos interesses e necessidades das instituições sociais; a interculturalidade crítica, pelo contrário, é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma história de submissão e subalternização. (WALSH, 2009, p. 21).

A proposta parte dos movimentos sociais, em processo de libertação da mediação da cultura hegemônica europeia, a cultura local emerge, resiste e transforma o que foi aprendido e colonizado. A interculturalidade crítica questiona os padrões de poder e a racialização, torna visível maneiras diferentes de ser, faz dialogar as diferenças dentro de um escopo de legitimidade.

O movimento de trazer à tona a cultura marginalizada é um processo de luta. Temos anos de valorização da cultura europeia em detrimento à cultura local, o que resulta em perda da identidade. A caminhada da interculturalidade prevê o

empoderamento a partir da cultura de raiz em busca da justiça social. Como propõe Vera Candau no trecho a seguir ao falar sobre interculturalidade crítica:

Essa perspectiva focaliza a interculturalidade como um dos componentes centrais dos processos de transformação das sociedades latino americanas, assumindo um caráter ético e político orientado à construção de democracias em que redistribuição e reconhecimento cultural sejam assumidos como imprescindíveis para a realização da justiça social. (CANDAU, 2010, p. 164).

Neste sentido, a educação é um processo com potencial de transformação da interpretação do meio. Quando além de traços da cultura local, são trabalhadas as perspectivas políticas, sociais e críticas, as pessoas passam a ter a opção de seguir ou não com o que é imposto. A visão hegemônica da Educação Ambiental é limitada à percepção de um mundo no qual todos estão em um mesmo patamar e a problemática pode ser resolvida através da conscientização. E discutindo a Interculturalidade na Educação Ambiental, Claudia Miranda propõe um amplo fórum sobre a urgência de uma reinscrição de saberes também marginais, de agência política de jovens em desvantagem socioeconômica para recompormos os pontos de pauta da Educação para os Direitos Humanos (Miranda, 2015, p. 238).

Deste modo, percebo que toda intervenção ou processo de educação que se propuser a acontecer em espaços como o Morro da Formiga, por exemplo, precisam estar cientes da violência que representa subir o morro carregado de cultura branca de influência europeia. E pronto para aprender com a marca cultural local. Os sinais de descaso político-social também devem ser destacados, e mudado o estado de conformação colonial, para um entendimento de direito à cidade tanto quanto os ambientes que são cultural e esteticamente mais adaptados à cultura hegemônica.

As manifestações culturais e de vida também correm o risco de serem diminuídas a espaços de resistência quando são muito mais do que isso por que são em si mesmas e não em comparação. O olhar crítico propõe tornar visível o que é parte da dominação e ratificar as raízes das manifestações culturais tradicionais assim como suas lutas.

Recordar que a interculturalidade crítica tem suas raízes e antecedentes não no Estado (nem na academia), mas nas discussões políticas postas em cena pelos movimentos sociais, faz ressaltar seu sentido contra-hegemônico, sua orientação com relação ao problema estrutural-colonial-capitalista e sua ação de transformação e criação. (Walsh, 2009, p. 22).

Em complementariedade percebo as ocupações urbanas como significações de resistência, re-existência e existências (Achinte, 2013). Bispo dos Santos (2019) usa

o termo contra colonialidade para nomear o processo de enfrentamento entre povos, raças e etnias dentro de um mesmo espaço físico geográfico. Isso inclui “todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, significações e os modos de vida praticados nesses territórios” (Bispo dos Santos, 2019, p.35). Portanto, talvez possamos assumir que quilombos, aldeias, terreiros e favelas são territórios contra colonizadores e produtores de sentidos de ocupações por estarem em constante guerra através da resistência e existência. E no caso das favelas com a força das relações manifestada nas ocupações urbanas.

3.3 Saberes da natureza, resistências, existências e re-existências

Possivelmente uma grande marca das ocupações urbanas é a vida, a vida que ocupa e se faz presente, as existências que compõem o cotidiano. A ideia de re-existência, como explica o antropólogo colombiano Adolfo Achinte no trecho a seguir, é um convite para mudar a perspectiva de olhar para os grupos que são hegemonicamente subalternizados percebendo a potência de vida de suas culturas e existências.

Concibolare-existência como los dispositivos que las comunidades crean y desarrollan para inventarse cotidianamente la vida y poder de esta manera confrontar la realidad establecida por el proyecto hegemónico que desde la colonia hasta nuestros días há inferiorizado, silenciado y visibilizado negativamente la existencia de las comunidades afrodescendientes. La re-existencia apunta a descentrar las lógicas establecidas para buscar em las profundidades de las culturas – en este caso indígenas y afrodescendientes – las claves de formas organizativas, de producción, alimentarias, rituales e estéticas que permitan dignificar la vida y re-inventarla para permanecer transformándose. (Achinte, 2013, p. 455).

A cultura, a felicidade e o afeto reconhecidas como modos de ocupações urbanas, muitas vezes representadas nas festas, são chaves da re-existência. É a existência que vibra paralelamente e em resposta aos ataques e às guerras cotidianas, que enxerga e analisa as injustiças, mas não se lê pela ótica do algoz, ele faz parte da realidade, mas não é o centro dela. É a demarcação do que se é independente do que o outro diz. É uma existência tão legítima que talvez não precise ser apresentada além do próprio ciclo de importância.

O Morro da Formiga existe em forma de moradores engajados em estabelecer relações que promovam saúde bio-cultural no morro, faz parte da rotina o cuidado com o meio e a valorização da arte. A favela existe como um espaço de confluência, conforme propõe Bispo do Santos (2019), uma biointeração como espaço de viver compartilhado com tudo que é orgânico. A relação com a terra dos povos contra colonizadores acontece em uma posição de respeito e consegue, a partir das lições da natureza, forjar também a ética das relações interpessoais. A terra é de todos e o que dela vem precisa ser dividido e não acumulado.

Opto por colocar os saberes da natureza como uma parte das existências e resistências socioculturais por entender que as manifestações dessas re-existências incluem o âmbito ambiental. Os saberes da natureza, que podem ser notados nas dinâmicas comunitárias, dizem respeito à Educação Ambiental do dia-a-dia. Seria, portanto, o que a rotina de manutenção da vida ensinou e ensina sobre como se relacionar com o meio e com as pessoas.

Os saberes da natureza, para serem notados, precisam de uns passos atrás do movimento acadêmico que este trabalho, por exemplo, faz. Esses saberes são legitimados pela experiência descalça debaixo do sol, chuva e lua, pela crença e pela tradicionalidade. São saberes atentos ao que a terra tem a nos ensinar e que são transmitidos em cantos, rodas, conversas, danças e várias outras formas que não envolvem regras de “espaçamento e fonte”.

O conhecimento ultrapassa o alcance do que é descrito pela ciência. O estudo de Helder Sarmiento Ferreira, 2015, acerca da aldeia Guarani em Itaipuaçu, mostra que tradicionalmente a cultura local é transmitida de “pai para filho”, os mais velhos são responsáveis por passar os saberes aos mais novos, e isso ocorre através do convívio e da vivência. O conhecimento em questão é fruto do respeito à ancestralidade e enriquecido de espiritualidade. Esses saberes não estão codificados dentro de normas, são saberes dados, vividos e que tem como plano de fundo a responsabilidade de passá-lo adiante pelos que o detém. Os saberes da natureza fazem parte da complexidade que compõe uma experiência particular de meio ambiente.

Existe uma gama de conhecimentos que a ciência não alcança e ao ressaltar os saberes da natureza desejo legitimar esses conhecimentos que fazem parte da construção das culturas por todo o mundo. E a importância de abordar os saberes

da natureza está no respeito à diversidade cultural, representatividade nas comunidades, escolas, mídias e com isso propiciar uma reconexão de ser-natureza.

Os saberes da natureza são identificados nos saberes tradicionais dos mais diversos grupos culturais e o pensamento abissal tem nos afastado disso. Por que nossa compreensão de mundo foi sugada pela epistemologia moderna em detrimento aos saberes tradicionais? Esses saberes não são referenciados, não tem espaço nas escolas e vem morrendo com os mais velhos. Existe uma negação da cultura que vem dos morros e é criada uma barreira para que não seja reconhecida além de lá.

A nossa desconexão com a cultura da vida vai além, sequer estamos ligados à nossa condição humana de parte do todo. Não percebemos nossa existência em teia e interdependente. Morin sinaliza a importância de estarmos cientes da complexidade humana:

Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e da muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da Terra. (MORIN, 2000, p.61)

A curiosidade da pesquisa “europeia” estuda fenômenos profunda e descontextualizadamente e, por ser legitimada, se espalhou pelo mundo. Mas isso dificultou nossa relação com os acontecimentos naturais. Hoje temos uma dificuldade enorme de viver em conexão com a terra. Aprendemos sobre plantas, que muitas vezes nem fazem parte do ecossistema local, através de um desenho no quadro negro e provamos esse saber através de um teste que amarra nossas observações em alternativas de a à d. Enquanto poderíamos estar conhecendo o funcionamento dessas plantas através de quem lida com ela e do manejo e vínculo com a mesma. A Educação Ambiental pode ser uma porta de emersão nos saberes da natureza.

A proposta é gerar um diálogo de saberes, no qual o saber ambiental constrói novas realidades, transforma o olhar do conhecimento e a forma de atuar no mundo. É um movimento de busca pelo que a ciência exclui, escuta da coletividade esquecida e consideração com a subjetividade dos indivíduos. O sociólogo ambientalista mexicano Enrique Leff propõe que o saber ambiental muda o olhar do conhecimento e com isso transforma as condições do saber no mundo na relação

que estabelece o ser com o pensar e o saber, com o conhecer e o atuar no mundo (Leff, 2009, p.18). Leff traz a ideia de 'ecologia de saberes' através do que chama de 'saber ambiental'. O saber ambiental desafia o modelo de pensamento unidimensional que reduz a complexidade para que ela se enquadre à uma lógica homogeneizante. O saber ambiental protagoniza a complexidade, questiona e é composto pela pluralidade. Assim constrói novas realidades. O diálogo de saberes permite o encontro dos saberes ambientais e gera a oportunidade de criação de estratégias no campo sociopolítico a partir dos potenciais da diversidade cultural e interculturalidade.

A Educação Ambiental é um processo de troca de saberes sensível aos ambientes e às naturezas, algumas vezes vista a partir de uma única perspectiva limitada. E para deixar óbvia a atenção global necessária à prática da Educação Ambiental, cunhou-se o conceito de Educação Ambiental Crítica. A Educação Ambiental Crítica reforça a importância da contextualização social ao abordar questões ambientais de forma que ambas não podem ser dissociadas, como explicam Loureiro e Layrargues no trecho a seguir:

Essa tendência traz então uma abordagem pedagógica que problematiza os contextos societários em sua interface com a natureza. Por essa perspectiva, definitivamente não é possível conceber os problemas ambientais dissociados dos conflitos sociais; afinal, a crise ambiental não expressa problemas da natureza, mas problemas que se manifestavam na natureza. A causa constituinte da questão ambiental tem origem nas relações sociais, nos modelos de sociedade e de desenvolvimento prevalentes. (Loureiro e Layrargues, 2013, p.68).

A nossa relação com o que é aprendido e ensinado muitas vezes fica presa ao que a escola consegue se dedicar. Essa compreensão limitada tira nossa atenção dos saberes passados em outros ambientes, por outros seres e acabamos excluindo os aprendizados do dia-a-dia da nossa gama de conhecimentos. Paulo Freire escreve sobre a desconexão com os saberes socialmente aprendidos:

No fundo, passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar. Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação. (FREIRE, 2014, p.44).

Complementarmente a essa ideia, os saberes passados através das gerações acontecem de maneira não formal. A experiência de identidade, pertencimento e vínculo ocorre com, por exemplo, o orgulho de ver um familiar desfilar na folia de reis do Morro da Formiga, na roda de conversa e preparação das fantasias, nas aventuras e trilhas na mata até as nascentes. São construções de muito significado baseadas na oralidade e vivência, no convívio e no lazer.

A educação não-formal é uma ferramenta de cunho político e social, ela desenvolve laços de pertencimento e ajuda na construção da identidade coletiva do grupo. Seu objetivo é possibilitar o acesso ao mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais (Gohn, 2006). Os conhecimentos acerca das lutas históricas do Morro da Formiga passados por suas lideranças comunitárias fazem parte dessa gama de construções da comunidade. No trecho a seguir Gohn exemplifica como acontece a educação não-formal:

A não-formal ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos, usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um. Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. (GOHN, 2006)

Em complemento ao que foi dito, a educação formal, que acontece em ambientes como a escola, segue uma sistematização, com regras e padrões estabelecidos previamente (Gohn, 2006). O professor é a figura que carrega o conhecimento que é socialmente aceito e valorizado. A escola tem normas a seguir, mas pode, e diria deve, contextualizar sua atuação abrindo-se à sensibilidade da educação popular. Para tanto a escola precisa despir-se do pressuposto de que detém o conhecimento mais valioso, percebendo-se como parte de uma comunidade que constrói realidades. Valla, 1998, escreve sobre a educação popular e essa comparação entre conhecimentos:

Os saberes da população são elaborados sobre a experiência concreta, sobre vivências, distintas daquelas do profissional. O profissional oferece seu saber porque julga o da população insuficiente, e, por esta razão, inferior, quando, na realidade, é apenas diferente. (VALLA, 1998, p.14).

Vemos então que a educação popular, falada por Valla e também permeando os escritos de Freire, parte dos saberes de base, vivências que são passadas de forma a descrever uma realidade. E assim é possível notar que além dos

professores, os mestres populares, as referências comunitárias, fazem parte da formação dessas pessoas.

O processo diário de troca de saberes configura movimentos de educação popular (Valla, 1998), vivências que são passadas de forma a descrever uma realidade. Esta caminhada forma então o que chamamos de Educação Ambiental de Base Comunitária (Silva, 2016), uma construção de conhecimento contra-hegemônica, aliada aos interesses e complexidades locais, como descrito abaixo:

Portanto, entendo a educação ambiental de base comunitária como sendo a educação promovida no âmbito das comunidades populares, tradicionais, subalternas, indígenas e quilombolas, que tenha como objetivo a promoção de uma sociedade ambientalmente e socialmente mais justa, capaz de incorporar a ecologia de saberes e promover a alteridade epistemológica, ou seja, o encontro com o outro e suas formas de ver, conhecer e vivenciar o mundo. (SILVA, 2016, p.100).

Ao pensarmos sobre as diferentes formas de vivenciar o mundo podemos ir além da compreensão que separa ser humano e natureza e nos coloca como dominadores da mesma, relacionando outras percepções que são chave para uma compreensão abrangente e contextualizada de Educação Ambiental. Próximo a isso, salientam Loureiro e Costa (2003):

a Educação Ambiental tem de fazer com que as diversas visões sociais de mundo, a relação sociedade/ meio natural, os modelos de sociedade chamadas “sustentáveis” e a ética da vida, sejam discutidos, compreendidos, problematizados e incorporados em todo tecido social, em um processo transformador que evidencie a indissociabilidade entre as dimensões humanas e naturais, sociais e ambientais. (Loureiro e Costa, 2003, p.176)

Para discutir essa indissociabilidade, um dos níveis de exploração da conexão ser humano e natureza pode ser visto através do corpo. O olhar para o corpo é um convite de olhar para si e este olhar para si envolve perceber o próprio lugar social e de fala. O corpo, compreendido aqui como tudo aquilo que envolve o eu - corpo físico, estrutura mental, sentimentos, espiritualidade -, é uma dimensão que não pode ser ignorada na construção das transformações socioambientais. A leitura do corpo em sua potência de respeito e reconhecimento de si e do outro não tem menos valor do que a leitura e reconhecimento das problemáticas sociopolíticas em níveis globais. Notamos que além de atuar frente às questões de mudança do mundo, também é importante o autoconhecimento e transformações endógenas.

A prática corriqueira da Educação Ambiental costuma colocar o corpo como ferramenta para sensibilização, sem contextualização ou conexão com o todo.

Enquanto na verdade o contato com nosso próprio corpo permite nos percebermos como pertencentes à natureza de modos além dos cognitivos, trabalhando inclusive o desenvolvimento da autoestima e autoconhecimento em uma sociedade que aliena nossa relação com a natureza e nós mesmos (Loureiro e Costa, 2003). Para isso é importante termos claro e marcado o nosso lugar. Uma pessoa que não se valoriza como sujeito social, que não se reconhece como cidadão, em tese, não se reconhece como ser específico na natureza (Loureiro e Costa, 2003, p.180).

O nosso afastamento do corpo é tão grande, foi construído por tantos anos e meios, que para trabalharmos com ele é necessário um exercício de escuta e atenção. Estamos acostumados a fazer imposições ao nosso corpo, subjugá-lo e não ouvi-lo. O retorno ao corpo permite que se entre em contato com a interrelação de tudo que compõe a vida. Aprendendo a identificar as nossas necessidades e as da comunidade em que vivemos, entenderemos a importância de estudar o ambiente, não de forma isolada, mas inserido num contexto histórico que o determina e delimita (Loureiro e Costa, 2003, p. 182).

O corpo participa então da compreensão e da construção de mundo e para tanto precisa estar aliado e incluído na pauta de uma educação outra que o considere na efetivação da cidadania, na transformação de si e do meio. O descolamento do corpo que está vinculado à objetificação da natureza passa por uma compreensão da vida que valoriza o “progresso científico” em detrimento de uma Ecologia Social que considera a dimensão social nas relações.

A Ecologia Social surge a partir da modernidade ao analisar seu modelo de explicação da vida e funcionamento da mesma, gerando amplo questionamento sobre a condição humana e suas relações com a natureza e sociedade em geral (Carvalho, 2005). A Ecologia Social ressalta o valor da natureza em si mesmo, indo contra um processo de desqualificação da natureza para que esta ficasse à serviço do ser humano. Um jogo de poder sobre a natureza que em um contexto conveniente a certos grupos também se expande ao controle de pessoas sobre outras pessoas. Ao mesmo tempo em que a Ecologia Social destaca o valor da natureza em si, também propõe a abertura do pensamento para outras concepções de natureza que foram historicamente descartadas. Assim unindo o mundo cultural da sociedade com o mundo natural dos animais e observando seu entrelace. Sobre essa abertura de pensamento, Carvalho explica:

a urgência do reconhecimento da relação homem-natureza através do olhar da complexidade e dos processos dialéticos entre as realidades subjetivas e objetivas. Um olhar crítico e auto-reflexivo que favoreça o estabelecimento dessa relação, pautado em uma nova deontologia, radicalmente diferenciada do sistema de valores de exploração e dominação que caracterizam a modernidade em seu atual estágio de desequilíbrio entre a natureza e a humanidade. (Carvalho, 2005, p.93).

Para a Ecologia Social as teorias da evolução podem ser aliadas na compreensão do sentimento de pertença à terra e isso pode levar a uma relação mais equilibrada entre o ser humano e seu meio. Mas não se trata de determinismo biológico que tenta fundir de forma simplista o biológico e o social. A contribuição das Ciências Biológicas para a Ecologia Social é marcar nossa origem animal e estreita ligação com o meio ambiente - natureza. Na Ecologia Social os seres vivos são sistemas abertos cuja autonomia se constrói de acordo com o ecossistema exterior. E a natureza é uma totalidade interdependente na qual todos dependem de todos. A diversidade de relações, trocas e combinações multivariadas que a natureza permite é princípio vital para que as espécies, inclusive a humana, tenham condições de viver em seus habitats (Carvalho, 2005, p. 136).

A Ecologia Social destaca a capacidade e a incapacidade de se viver socialmente, não só para humanos como para outros seres vivos. Apontando suas estratégias, complexidades e culturas.

A Ecologia Social nasce dessa inspiração sistêmica se traduzindo como um catalisador de ideias, de estruturas, de representações e ações sobre o meio ambiente, de áreas diferenciadas, onde se concentram a atuação científica, a ação política-cultural e a dimensão simbólico-afetiva, não trabalhadas de forma aguda na Ecologia em função de suas amarras epistemológicas. (Carvalho, 2005, p.149)

A contribuição da Ecologia Social é então a reflexão sobre as relações entre a razão e a psique humana com a natureza da qual o ser humano pertence e faz parte (Carvalho, 2005). A consciência sobre ser natureza também expressa o conhecimento de si, do próprio corpo, que permite uma análise do meio e do local de fala propiciando a colocação como ser social e atuante em prol das transformações sócio-político-ambientais.

O quilombola Antônio Bispo dos Santos acrescenta a essa discussão A relação com a terra dos povos contra colonizadores possui grande destaque durante todo o livro, pois esta acontece em uma posição de respeito e consegue, a partir das

lições da natureza, forjar também a ética das relações interpessoais. A terra é de todos e o que dela vem precisa ser dividido e não acumulado.

Hoje na Formiga existe uma preocupação dos líderes da Folia Mirim em abordar assuntos relacionados ao meio ambiente com os jovens. Uma horta comunitária foi construída com a iniciativa da Folia e através da troca de saberes com moradores locais que trabalham com temas afins e com o apoio de moradores do Morro do Salgueiro e Casa Branca, que já possuem processos semelhantes mais avançados em seus territórios.

Nas transmissões de saberes que são necessários para manter a vida, salvos nas memórias de bairro e formadores dos sentidos de comunidade é nítida a solidariedade que sustenta a existência. Compreendendo a solidariedade como potência coletiva para a transformação social, que apoiará e ajudará a suportar os desgastes provocados pela luta (Costa e Silva, 2015).

Temos, assim, um campo de encontro psicossociológico. A caminhada de envolvimento com os processos do Morro da Formiga construiu o presente trabalho com esta visão apresentada. A sessão a seguir é dedicada a contar como a construção metodológica aconteceu.

4 Capítulo II – Caminhar Metodológico: Subir de Kombi e Descer a Pé

A pesquisa no campo da psicossociologia tem por premissa a atenção e sensibilidade ao que transpassa o indivíduo e a sociedade, convidando à ampliação da análise de ambos para além das proposições teóricas clássicas (Nasciutti, 1996). A metodologia aplicada a uma pesquisa psicossociológica precisa estar atenta a essa complexidade e aos atores sociais envolvidos. Isso leva a optar pela investigação através da pesquisa qualitativa e a incorporar ao processo a noção de que este tipo de pesquisa exige maleabilidade (Becker, 1999), a metodologia escolhida precisa ser aplicada de forma crítica reconhecendo suas limitações e atenta às intempéries do campo e, portanto, da comunidade envolvida. Conforme insinua Becker (1999), não existe um método de pesquisa que dê conta de todo o tipo de sujeito, por isso a metodologia adotada funciona como um fio condutor para manter o constante deslocamento de olhar acerca das pessoas envolvidas e do contexto dentro dos objetivos e tempo de investigação possível.

As diversas formas de fazer pesquisa colaborativa quebram a relação distanciada entre pesquisador e comunidade e propõem que a metodologia de um trabalho seja adequada e moldada para a realidade na qual irá acontecer. Nesse caso é importante para o pesquisador se empoderar de uma liberdade metodológica para, enfim, construir algo combinado ao problema que deseja investigar, pois seu problema e seu ambiente são diferentes de outros e por isso a metodologia adotada precisa ter identidade própria (Becker, 1999). Alinhado a isto Orlando Fals Borda (1997) ressalta que não convém o pesquisador trabalhar dentro de uma rigidez metodológica, pois estaria dominado pelo pensamento acadêmico. É essencial que este modo de perceber o fazer científico esteja claro desde o início, pois não é uma falta de método, é uma escolha de caminho. Essa forma de entender as relações com o campo ressaltam que o processo precisa ser um caminhar junto com a comunidade destacando suas lutas, conhecimentos e cultura.

A partir dessas sensibilidades para a forma de ser no campo e de construção significativa de um processo de pesquisa, a proposta foi seguir com uma Pesquisa Colaborativa no Morro da Formiga, pois a vivência foi guiada pelos moradores e se compreende a reflexão como um processo coletivo (Molina, 2007). Essa perspectiva propõe a quebra da construção de pesquisas sobre o território para um formato de

compartilhamento de saberes produzido com os atores envolvidos. A busca esteve na aproximação do dia-a-dia do Morro da Formiga com o intuito de ouvir e produzir narrativas, além de entregas resolutivas. As narrativas são aqui compreendidas como um espaço para aprender no encontro, uma oportunidade de quebrar a frieza acadêmica e desmontar o investigador. E as entregas resolutivas estão relacionadas às demandas levantadas pela comunidade e o uso das ferramentas acessíveis ao pesquisador para caminhar em direção à resolução tangível de problemas.

Voltando alguns passos atrás para contextualizar o local de desenvolvimento metodológico, o Morro da Formiga encontra-se na Zona Norte do Rio de Janeiro, no bairro Tijuca, limítrofe ao Parque Nacional da Tijuca e, portanto, sofre influências das condições locais para instituir morada. A história da ocupação do território é composta pelo mapeamento das nascentes feito pelos próprios moradores para abastecimento de água das casas, pois o fornecimento através do estado foi negado até o ano de 1985. Por isso destaca-se o interesse em notar se as resistências socioculturais e saberes da natureza aparecem na produção dos sentidos de comunidade. As frequentes investigações da academia que acontecem na Formiga contam com bastante colaboração de seus moradores, que a esta altura, já estão acostumados com esse tipo de intervenção, o que também colabora para minha aproximação com o local.

A metodologia utilizada surgiu a partir das interações no Morro da Formiga, conforme me percebia nas relações e recebia abertura para estar lá. Eu tive a oportunidade de realizar uma aproximação prévia para sentir e perguntar como poderia desenvolver minha pesquisa na Formiga. Foram utilizados alguns recursos metodológicos inspirados na cartografia social, complementarmente ao objetivo de produzir com os parceiros do Morro da Formiga uma metodologia que se aproxima de uma pesquisa colaborativa. A cartografia social propõe um olhar único para cada contexto de envolvimento entendendo que não se trata da metodologia como conjunto de regras e procedimentos preestabelecidos, mas como estratégia flexível de análise crítica (Prado Filho e Teti, 2013). A vivência da pesquisa no contexto do Morro da Formiga indicou a necessidade da liberdade metodológica para que a produção deste trabalho pudesse ser gerida pelos interesses dos atores envolvidos. Prado Filho e Teti (2013) descrevem:

Assim, a cartografia social aqui descrita liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade. Não se refere a método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa, mas, sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência. (Prado Filho e Teti, 2013, p.47).

Deste modo, a partir de uma inserção no campo comprometida com os moradores da Formiga também foi possível e necessário olhar para eu mesma no processo. Assim pude entender as demandas que eram necessidades minhas e quais eram as demandas locais, as minhas limitações e potencial de contribuições resolutivas. Também percebi, tal como propõe Paulo Freire, meu nenhum interesse de assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos (Freire, 2014, p. 16). Eu senti raiva e manifestei descontentamento, tristeza e felicidade diante das diversas situações que vivi no Morro da Formiga. Optei por uma metodologia na qual coubesse “me importar” com cada movimento porque me dediquei ao Morro da Formiga por inteiro. Prezando a ética e assumindo meu ponto de vista como mais uma perspectiva. Esta interpretação também versa sobre a responsabilidade que assumo ao produzir este relatório do processo.

O contato com os moradores e demais atores do Morro da Formiga aconteceu através da rede de indicações em complementação à identificação de representantes dos marcos de mobilização comunitária. Nas redes de indicações os atores inicialmente identificados se engajam na identificação da rede e, portanto, de novos atores (Costa e Mendes, 2014). Para tanto não foi estimado um número de participantes específico, o corpo de participantes construiu-se na vivência do campo, de acordo com as indicações e vínculo criados.

Através do contato com outros pesquisadores que anteriormente desenvolveram estudos e colaboraram com as experiências na Formiga, alguns atores foram indicados para os contatos iniciais. Antes de ir até a Formiga fiz contato telefônico com um morador e com a escola, marcando com ambos uma conversa para me apresentar. Os primeiros contatos e visitas foram essenciais para sinalizar alguns marcos de mobilização comunitária e contatar seus membros. A Sociedade de Água Boa Vista foi o primeiro grupo ao qual tive contato no Morro da Formiga. Ao explicar a ideia de desenvolvimento do trabalho para as pessoas da Sociedade de

Água, reforçaram a indicação de buscar a Escola Municipal Jornalista Brito Broca como um espaço potente para realização de atividades com os moradores. Ao conversar com a escola sou acolhida e convidada para participar de algumas reuniões e atividades que contam com a participação dos moradores e de estudantes de outras universidades que estão atuando no local. Nesse espaço começo a circular mais pelo território e conheço os líderes da Folia Mirim A Brilhante de Belém. A partir do encontro com a Folia Mirim, que além de atuar com a tradição cultural da Folia de Reis no Morro da Formiga também possui relação com a promoção de atividades de educação ambiental, surgem os planos de reativar uma horta do local que foi futuramente nomeada como Espaço Formiga Verde. Esses foram os quatro principais ambientes de circulação na Formiga.

A convivência na Formiga foi registrada a partir do recurso de caderno de campo adaptado como um documento de registros de narrativas afetadas. A pesquisa caminhou colhendo narrativas orais tematizadas pelas questões comunitárias seguindo as redes de indicações. As redes de indicações são formadas através das indicações dos primeiros atores identificados e tem seu ponto de saturação na repetição das indicações (Costa e Mendes, 2014). No total, três pessoas foram indicadas e concordaram em compor um momento de colheita de narrativas. Porém a colheita das narrativas não aconteceu com uma das moradoras indicadas, pois todas as possibilidades de encontros marcados foram atravessadas por questões sérias, como falecimento de moradores e incursões policiais seguidas de trocas de tiros de armas de fogo, o que gerou adiamentos mais longos do que o período do mestrado comportava.

Os registros das narrativas orais realizadas com os dois moradores da Formiga com os quais foi possível me encontrar, foram gravados em áudio ou anotados após as conversas, conforme foi previamente combinado com os interlocutores. O objetivo era que o momento de contato fosse composto pela escuta ativa e breves anotações de informações específicas necessárias para construção do contexto. Após as conversas foi feito um registro escrito e transcrição do áudio. Um dos encontros de colheita da narrativa aconteceu na casa de um dos moradores e o outro aconteceu no Espaço Formiga Verde, iniciativa socioambiental local.

A composição da narrativa que desenha a pesquisa foi feita de forma dialógica considerando o que foi explicitado, captado, registrado e sentido. Além das trocas ao longo do processo, existiram momentos específicos para discutir a

construção do texto com os moradores. Quando próximo à entrega do texto final da dissertação, o trabalho foi apresentado para um grupo de moradores de forma que ajustes fossem feitos. Diversas correções foram sugeridas e realizadas, assim como reconhecemos o limite da academia e o meu limite enquanto mestrande. O que torna este trabalho reconhecidamente imperfeito.

O momento de troca sobre a versão final do trabalho escrito teve dois momentos, o primeiro foi a apresentação da narrativa na qual eu pude ler o que havia registrado e o narrador, ao ouvir, pode fazer observações, acrescentar e corrigir alguns pontos. A leitura da narrativa propiciou também um encontro com a própria história que gera um momento sensível além das descrições práticas de contribuição à pesquisa. No segundo momento discutimos a construção final do trabalho, que compila a trajetória e reflexões. Este ponto, que também é um retorno de narrativa, visto que o caminhar foi guiado pelos moradores, propiciou emergirem as contradições e deixou ainda mais evidente a teia complexa de construção de uma narrativa. As vivências não possuem uma linearidade, os relatos de cada um dos envolvidos produziram mudanças de rotas neste trabalho e, por fim, compreendemos que a narrativa final é conduzida por um caminho escolhido para ser destacado e não pelo único caminho possível.

Acompanha a preocupação com o processo de intervenção o cuidado ético que envolve o comportamento no campo, respeito às histórias e segredos assim como a documentação necessária. O projeto foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado². Em seguida, foi solicitada a autorização mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), lido e explicado aos participantes diretamente envolvidos na construção do trabalho. Como combinado com os narradores, suas identidades foram preservadas utilizando nomes fictícios associados às suas falas.

Para o acompanhamento das rotinas dos marcos de mobilização comunitária escolhidos, estive presente nas reuniões mensais da Sociedade de Água Boa Vista que aconteceram durante o ano de 2019, nas reuniões de Centro de Estudos com as professoras da Escola Municipal Brito Broca que eram abertas à participação, e semanalmente às segundas-feiras no Espaço Formiga Verde, colaborando com o desenvolvimento do projeto. Como a Folia Mirim tem suas atividades concentradas

² Número CAAE: 09897619.1.0000.5582

em dezembro e janeiro, foi o ambiente com o qual tive menos contato, apesar de estar frequentemente com seus líderes no Espaço Formiga Verde.

A circulação por estes espaços no Morro da Formiga me possibilitou assumir o impacto que um ator externo implica. Eu participei das atividades de alguns grupos que os próprios moradores da Formiga não se sentem a vontade para interagir. Com isso uma nova rota de fluxo de informações se formou e eu fiz parte dela. A consciência do meu impacto, por mais que não saiba dimensionar, ajudou a perceber - e sempre checar - as informações que eram reservadas a certo grupo e as informações que poderiam circular. Pude assim convidar a Sociedade de Água para participar do Projeto Formiga Verde. E, da mesma forma, a Sociedade de Água recebeu moradores que não fazem parte da sociedade para conhecer sua atividade de manutenção do sistema na mata. A minha circulação também ocasionou o encontro de alguns moradores com a equipe recente de direção da escola municipal local. O reconhecimento sobre isso que estou chamando de impacto torna este processo uma ferramenta que contribui para a colheita do presente trabalho.

O processo foi de grande implicação e assim souu estranho todas as vezes que apresentei essa jornada falando em “campo” e “participantes”, o que foi necessário ao longo do texto para ficar menos cansativa a repetição de ‘Morro da Formiga’. Nunca foi só um “campo”, é o Morro da Formiga, e nunca foram só “participantes”, são os moradores e moradoras do Morro da Formiga, companheiros de caminhadas, de conversas, de projetos. Cada pedaço dessas relações é afeto e é ciência porque só faz sentido produzir no mundo através de uma epistemologia do envolvimento.

Explicando o título do capítulo, existem vários caminhos para transitar na Formiga, filosóficos e físicos. Nos físicos, podemos usar a ladeira íngreme com curvas sinuosas, escadas que margeiam o Rio Cascata e, para ir além do cimento, existem as trilhas que levam às cachoeiras. Esses caminhos podem ser percorridos via Kombi, moto-táxi, automóvel particular e próprios pés. Eu pude experimentar todos esses caminhos e meios. Através da vivência descobri que a forma que mais gostava de transitar na Formiga era subindo de Kombi e descendo a pé. Na subida, sempre anunciei quem eu era e o que estava fazendo ali, me explicando e pedindo licença, subia levada por moradores que assumiam a direção. Depois de chegar onde me deixaram, ao descer, preferia andar com calma, apreciando a vista, cumprimentando e conversando com as pessoas com as quais já havia me

envolvido ou com as quais aquele cumprimento era o envolvimento que nos cabia naquele momento. Descer a pé também era agradável porque demorava mais, me possibilitava tempo para elaborar algumas vivências e para mudar de ideia. A metodologia foi colaborativa porque circulei onde me direcionavam, após vivenciar, segui com calma, a pé, conversando, internalizando e trazendo ao texto os cumprimentos que marcam a troca. A metodologia utilizada neste trabalho foi basicamente subir de Kombi e descer a pé.

5 Capítulo III – Composição dos Sentidos de Comunidade no Morro da Formiga: Resultados em Análise

O presente capítulo é uma narrativa composta por vários atores do Morro da Formiga com os quais convivi e apresentada a partir do que eu fui capaz de apreender e organizar. Considero importante começar com uma descrição um pouco mais detalhada dos marcos de mobilização comunitária do Morro da Formiga pelos quais circulei e que são parte da produção de sentidos de comunidade. Para em seguida contar sobre o compartilhamento de saberes do processo.



Figura 1. Vista do Morro da Formiga.

5.1 Marcos de mobilização comunitária do Morro da Formiga

Os marcos de mobilização comunitária aos quais me refiro são os lugares e redes que coexistem e compõem o território. São os espaços que se destacam pela participação comunitária e de alguma forma são identificados como parte da identidade local, são atores sociais institucionais. Importante ressaltar que não se

tratam de marcos unanimemente identificados como “símbolos” do Morro da Formiga, mas sim os que tiveram sua importância ressaltada entre os moradores dos quais me aproximei.

O Morro da Formiga possui diversas iniciativas de envolvimento comunitário, desde o Festival de Pipas, que mobiliza crianças, jovens e adultos e acontece uma vez por ano, até a Escola de Samba Império da Tijuca, que existe desde 1940 e já esteve no Grupo Especial do carnaval carioca. Grupos diferentes de moradores estão envolvidos nas atividades, eu circulei pelos marcos de mobilização comunitária nos quais os moradores que eu conheci estavam envolvidos. No tempo de duração do mestrado não foi possível abrir mais espaços de interlocução do que os que foram iniciados. Conto a seguir um pouco dos quatro ambientes nos quais estive, na ordem na qual me aproximei de cada um deles, através das indicações das redes de relações. São eles: a Sociedade de Água Boa Vista; a Escola Municipal Jornalista Brito Broca; a Folia de Reis A Brilhante de Belém (Mirim) e; o Espaço Formiga Verde.

5.1.1 Sociedade de Água Boa Vista

As Sociedades de Água são grupos de gestão popular dos recursos hídricos, nos quais moradores do Morro da Formiga se organizam para administrar a coleta e distribuição da água de algumas nascentes da região para as casas dos membros da sociedade. Devido à proximidade com o Parque Nacional da Tijuca, algumas nascentes são de fácil acesso pelo Morro da Formiga. Os moradores fizeram esse mapeamento e conhecem a mata.

A necessidade de criar as sociedades de água surge pelo não abastecimento da Formiga através da companhia de água do Rio de Janeiro. O Morro foi ocupado desde 1940 e somente no ano 1985 uma estação da companhia estadual de água foi construída no Morro da Formiga e uma parte das casas começou a ser abastecida por ela. A construção das instalações da Companhia Estadual de Águas e Esgoto (CEDAE) aconteceu no Morro após insistência da Associação de Moradores da Formiga com alguns políticos. Houve grande mobilização e durante as obras os moradores se organizaram para fornecer almoço aos funcionários que trabalhavam na construção da estação de água.

Os moradores contam que a existência das Sociedades de Água é conhecida pela administração do Parque Nacional da Tijuca, que no passado enviou engenheiros para estudar se o sistema trazia algum prejuízo às nascentes. Como o resultado da análise demonstrou que não causavam problemas às nascentes e seu entorno, a prática foi permitida de ser continuada.

A Sociedade de Água Boa Vista é uma das Sociedades que existem no Morro da Formiga, foi fundada em 1950. Ela é composta por 15 membros, cada um corresponde a uma casa no Morro da Formiga, todas na mesma região. Esse sistema possui duas caixas d'água, uma mais antiga em um local mais alto, próximo ao lugar de retirada da água do córrego, outra maior e mais nova, um pouco mais baixa e de onde saem os 15 canos para distribuição nas casas. Antigamente existiam muitas casas construídas próximas ao córrego, perto da nascente. Após as chuvas intensas em meados dos anos 1980 ocorreram graves deslizamentos e programas de urbanização da Prefeitura, realocaram os moradores dessas áreas para outros bairros como Campo Grande e Cidade de Deus. As casas que ainda resistiram foram derrubadas para evitar novos acidentes na região alta do Morro.

O Projeto Mutirão de Reflorestamento foi outra estratégia para lidar com os deslizamentos no Morro da Formiga. Nesse projeto os próprios moradores são contratados pela prefeitura e ficam responsáveis por plantar e manejar um área com supervisão de engenheiros florestais. O trabalho de reflorestamento do Mutirão é considerado de grande sucesso, visto que recuperou grande área no Morro da Formiga e onde antes estavam as casas, hoje restam apenas alguns resquícios de construções envoltas por grandes árvores.

Os sócios da Sociedade de Água Boa Vista precisam ter uma caixa d'água com a boia funcionando em suas casas (para controlar a quantidade de água que entra na caixa d'água e não ocorrer desperdício), pagar a contribuição mensal que garante a manutenção do sistema e participar das reuniões mensais de checagem do funcionamento e necessidades dos associados. Na Sociedade de Água Boa Vista existe um líder que fica com o livro de controle de despesas e contribuições e recebe os chamados, caso algum outro sócio tenha problemas com o fornecimento da água. As sociedades de água funcionam de formas diferentes e existem sistemas de extração de água das nascentes que são individuais. Alguns moradores fazem ligação direta da água da nascente para suas casas em encanamento próprio, independente de alguma sociedade.

Na Sociedade de Água Boa Vista os reparos são feitos ao longo do ano conforme a demanda e, dependendo do caso, juntam-se dois ou três membros para resolver. Porém uma vez por ano, no mês de outubro, todos os membros se unem em um mutirão para manutenção geral do sistema, priorizando a limpeza das caixas d'água. Nos mutirões de limpeza uma ou duas crianças sempre são convocadas para fazerem a limpeza dentro da caixa d'água. Pela altura da caixa, as crianças conseguem realizar com mais facilidade o trabalho. Em dezembro as famílias fazem um churrasco de confraternização, cada família leva um prato e parte das despesas é paga pelas multas aplicadas aos membros que faltaram às reuniões mensais.

Os membros representantes das 15 casas atualmente são os filhos e sobrinhos dos fundadores da Sociedade de Água Boa Vista em 1950. Apenas um dos fundadores ainda está vivo e participa das atividades. Este fundador guarda um lugar de afeto grande entre os membros, é considerado "tio" por todos, pois era amigo ou irmão de seus pais e os viu crescer.

Os atuais membros da Sociedade de Água consideram que seria interessante que os mais jovens estivessem mais presentes nas atividades da sociedade e atentos às questões comunitárias. Indicam então a Escola Municipal Jornalista Brito Broca como um importante espaço de contribuição para conhecer um pouco mais o Morro da Formiga e para propor atividades interventivas nesse sentido.



Figura 2. Queda d'água do Rio Cascata que alimenta o sistema da Sociedade de Água Boa Vista.



Figura 3. Canos de saída da caixa d'água para as casas. Foto: Carlos D.

5.1.2 Escola Municipal Jornalista Brito Broca

A Escola Municipal Jornalista Brito Broca é a única escola com o seguimento Ensino Fundamental I na Formiga. Além dela existem duas creches municipais e a partir do Ensino Fundamental II as crianças são direcionadas a outras escolas pela região da Tijuca. A escola foi fundada em 1961 e foi responsável pela alfabetização de duas a três gerações de moradores. A primeira creche municipal do Morro da Formiga foi implantada por pressão dos moradores, pois precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar as crianças. A creche recebe o nome de dona Maria, uma das moradoras mais influentes nessa conquista.

A escola Brito Broca, como é conhecida, fica localizada no alto do Morro, onde termina o acesso de carros. Uma de suas fontes de abastecimento de água é a Sociedade de Água Boa Vista e por isso dizem nunca sofrer falta de água. O prédio é bem conservado e os espaços internos da escola são compostos por fotografias e maquetes do Morro, assim como com exposições dos trabalhos das crianças. As gestoras da escola são disponíveis e mantém sua sala aberta para acesso da comunidade escolar e vizinhança. A escola possui proximidade com ações realizadas pelo centro de saúde potencializando a atuação de ambos os espaços.

A direção demonstra acreditar na potência das parcerias para oferecer propostas positivas aos alunos. Neste sentido dedicam tempo ao acompanhamento do trabalho que estudantes e professores da UNIRIO e UERJ realizam com as crianças. A UNIRIO possui uma frente de Educação Ambiental atuando na escola. Existe hoje um importante trabalho de análise da qualidade da água do Rio Cascata, que atravessa o Morro da Formiga e fonte da água da Sociedade Boa Vista, realizado pelos alunos da UNIRIO junto a um projeto da organização SOS Mata Atlântica. Neste projeto as crianças fazem a coleta em um dia de caminhada com as professoras pela vizinhança e levam o material para a escola para ser analisado. O projeto impacta além da avaliação da água, essa circulação das crianças com as professoras também faz parte de um importante reconhecimento de território.

A equipe da UERJ atua com o meio ambiente relacionado à alimentação, os professores vinculados a esta parceria são do departamento de nutrição. Através deste grupo existe uma investigação sobre produção agroecológica e orgânica no Morro da Formiga, propondo atividades de plantio e sensibilização com as professoras e funcionárias da cozinha. As atividades da UERJ também apoiam as visitas das crianças ao projeto Hortas Cariocas e, atualmente, ao projeto Formiga Verde.

Foi possível notar a escola como um ambiente de acolhimento no Morro da Formiga. Os espaços da escola e seus recursos são facilmente cedidos para que os moradores realizem encontros e reuniões. As gestoras conhecem pessoalmente os projetos dos moradores, que apoiam com prontidão, além conhecerem as famílias e colaborarem para que as iniciativas sejam divulgadas.

As atividades pedagógicas da escola visam realçar e aprender com a história e cultura local. Anualmente organizam uma festa de aniversário da escola que convida antigos alunos para contarem suas trajetórias, ressalta a história do Morro da Formiga e promove apresentações de referências culturais locais. A Folia Mirim, grupo de Folia de Reis de crianças e jovens, é muito presente na escola. Vários alunos fazem parte do grupo e existe um acompanhamento frequente do desenvolvimento das crianças na escola pelos líderes da Folia. A partir da Brito Broca pude conhecer os líderes de Folia Mirim e acompanhar um pouco mais do seu trabalho.



Figura 4. Maquete produzida pelas crianças da Escola Municipal Jornalista Brito Broca representando o Morro da Formiga.

5.1.3 Folia de Reis Mirim A Brilhante de Belém

A Folia Mirim A Brilhante de Belém é a primeira Folia prioritariamente com crianças do Morro da Formiga. Ela começou em 2016 com o mestre Cláudio Xaxo. Atualmente quase 40 crianças e jovens entre 8 e 21 anos compõem a folia, participando dos ensaios e apresentações. A Folia Mirim, como é conhecida, reconhece-se como um grupo de resistência sociocultural e de propagação de uma tradição católica. O maior volume de atividades acontece entre 25 de dezembro e 20 de janeiro, sendo que o grupo se apresenta ao longo do ano em escolas, eventos culturais e festas. O grupo não possui financiamento e as atividades são realizadas com o apoio e trabalho das famílias, que fazem doações e costuram as roupas utilizadas pelos membros. Algumas vezes ao ano o grupo organiza festas no Morro da Formiga e passeios culturais para as crianças e tudo é realizado com o trabalho das famílias e moradores.

A Folia de Reis é uma tradição cultural do Morro da Formiga que chega junto com seus moradores nascidos em Minas Gerais. A tradição já existe na Formiga há

70 anos e neste período sempre existiram no mínimo duas folias no Morro da Formiga. As Folias tem o período de sete anos de promessa, o que corresponde ao seu período de atuação, podendo renovar sua jornada por mais sete anos, quando enfim descansam suas bandeiras, ou seja, cessam a atuação.

As folias saem pelas ruas nos meses de dezembro e janeiro e realizam uma festa de arremate após o período da quaresma, por volta do mês de maio. Algumas famílias pedem que as folias visitem suas casas para fazerem orações no intuito de proteger a família de infortúnios. A Folia Mirim tem o costume de passar por outros Morros da região, visitando as casas para as quais são convidados.

Atualmente existem duas folias no Morro da Formiga. Uma folia de adultos, A Brilhante Estrela do Amanhã, a Rosa e Branca, que completou seu ciclo de sete anos em 2018, com a possibilidade de renovar por mais sete e a Folia Mirim que está no seu terceiro ano. Um grande número de moradores gosta de se envolver com a Folia, a Folia Mirim, por exemplo, tem sempre procura pelas crianças querendo participar. Um maior número de folias ativas possibilita o acolhimento de todos os moradores que tenham vontade de participar.

A Folia Mirim possui uma característica específica de promover atividades relacionadas às questões ambientais do Morro da Formiga. Seus líderes investigam e promovem atividades em diversas áreas, como esporte e lazer, por exemplo, mas as ações ambientais acabam sendo mais presentes. O mestre da Folia, Claudio Xaxo, é Agente Ambiental na Formiga, ele colabora com diversas atividades na escola e acompanha o projeto de análise da água do Rio Cascata, por exemplo. A partir da sensibilidade dos líderes da Folia Mirim iniciou-se a ideia de desenvolvimento de um espaço socioambiental no qual as crianças da escola e creches pudessem vivenciar atividades de educação ambiental, assim como qualquer morador que desejasse se aproximar. O projeto de desenvolvimento de um espaço socioambiental foi proposto pelos líderes da Folia e começou a ser discutido na E.M. Jornalista Brito Broca, levantando-se a possibilidade de envolvimento das professoras e crianças. Em uma articulação entre a Folia Mirim, Escola Municipal Brito Broca, UERJ e eu, o projeto começou a ser desenvolvido.



Figura 5. Fachada da sede da Folia Mirim.

5.1.4 Espaço Formiga Verde

O Espaço Formiga Verde é uma iniciativa de cultivo de horta orgânica agroecológica e Educação Ambiental criado em 2018. A ideia partiu dos líderes da Folia Mirim que buscaram apoio com outros moradores, escola e parceiros das universidades que estão na Formiga. Este projeto utiliza um espaço verde em disputa localizado nos fundos de onde hoje está instalada a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) – Formiga. O local, antes da instalação da UPP, era uma pista de skate. Após a construção da UPP, a área verde já foi sede do trabalho de uma ONG que fazia atividades relacionadas ao meio ambiente, projeto que terminou por falta de recursos. Em seguida um Pastor da região começou a cuidar da área e montou uma horta com outros moradores. Eles conseguiram organizar uma boa estrutura no local e contaram com o envolvimento de algumas crianças no processo. O Pastor e demais moradores param de cultivar produtos na horta após um tempo por várias questões e o espaço ficou trancado sendo cuidado por alguns policiais da UPP - Formiga.

Em 2018 a Folia Mirim propõe a realização de um projeto no espaço e começa a reunir possíveis parceiros para dar corpo à empreitada. O apoio da Escola

Municipal Jornalista Brito Broca foi fundamental para que ideias fossem discutidas e laços com parceiros estreitados. Após reuniões de estruturação de um possível projeto, a Folia Mirim pediu a chave do espaço ao Pastor e reiniciou os movimentos de cuidados no local. Desde então as atividades ocorreram em formato de mutirões de organização da área, oficinas para a comunidade com o objetivo de chamar outros moradores a participarem e reuniões semanais de planejamento e desenvolvimento do espaço.

As crianças da Escola Municipal Brito Broca também foram envolvidas desde o início do processo. Aconteceu na escola uma eleição do nome para o espaço e as crianças escolheram Espaço Formiga Verde para nomear o lugar. Além do batismo do espaço, algumas turmas realizaram atividades de produção de sementeiras para gerar mudas que em seguida elas mesmas plantaram na horta do espaço.

O Morro da Formiga possui um dos polos de sucesso do projeto Hortas Cariocas. Projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro no qual um morador é remunerado para cuidar de uma horta comunitária. Desde o princípio uma parceria foi feita para aquisição de informações acerca do cultivo de horta e para, quando for o caso, a disponibilização de ferramentas e insumos.

As parcerias com os moradores dos Morros vizinhos também foram muito importantes. No Morro do Salgueiro existe uma horta comunitária e as pessoas que cuidam desse espaço estão frequentemente no Espaço Formiga Verde compartilhando técnicas e experiências. No Morro da Formiga muitos moradores que atuam em áreas relacionadas ao meio ambiente também se envolveram com o projeto colaborando com a manutenção do espaço e compartilhando conhecimentos.

Com o apoio da UERJ o projeto foi inscrito em um edital de fomento e receberá um viveiro para produção de mudas. Este fomento chega ao Morro da Formiga a partir de um projeto de produção de mudas em favelas no Rio de Janeiro gerenciado por agricultores urbanos do município. Um dos objetivos do Espaço Formiga Verde é poder distribuir mudas para que os moradores da Formiga produzam hortaliças em suas casas. Então o viveiro que será instalado aumentará esta capacidade de atuação.

O Espaço Formiga Verde é um projeto de biointeração que surge a partir da confluência de saberes e visões de mundo respeitando a diversidade (Bispo dos Santos, 2019). Seu formato propõe educação popular e Educação Ambiental de

Base Comunitária (Silva, 2016) além de agregar aliados externos para o alcance de seus objetivos.



Figura 6. Trabalho coletivo no Espaço Formiga Verde.

Para acrescentar elementos que facilitem a compreensão do contexto, a imagem a seguir destaca a localização dos marcos de mobilização comunitária que foram comentados anteriormente. A sede da Folia Mirim, o bar onde acontecem as reuniões da Sociedade de Água Boa Vista e a Escola Municipal Jornalista Brito Broca são próximos e ficam na parte alta da Formiga. O espaço Formiga Verde fica atrás da UPP em uma área mais baixa do Morro, mais próximo à rua Conde de Bonfim, uma das principais vias do bairro Tijuca. Na imagem também é possível notar que o Morro da Formiga é cercado de área verde, justamente por estar dentro do Parque Nacional da Tijuca e pelas atividades do Mutirão de Reflorestamento. As duas ruas de acesso ao Morro da Formiga são compostas por residências de classe média e com fornecimento normal de água. O Morro da Formiga é próximo ao centro comercial da Tijuca conhecido pela Praça Saens Pena. Essas informações são importantes para ressaltar que, no Rio de Janeiro, as distâncias geográficas não

servem para justificar descaso de atendimento à população. Podemos assim compreender que o problema não é distância ou dificuldade de acesso, o descaso é projeto político.

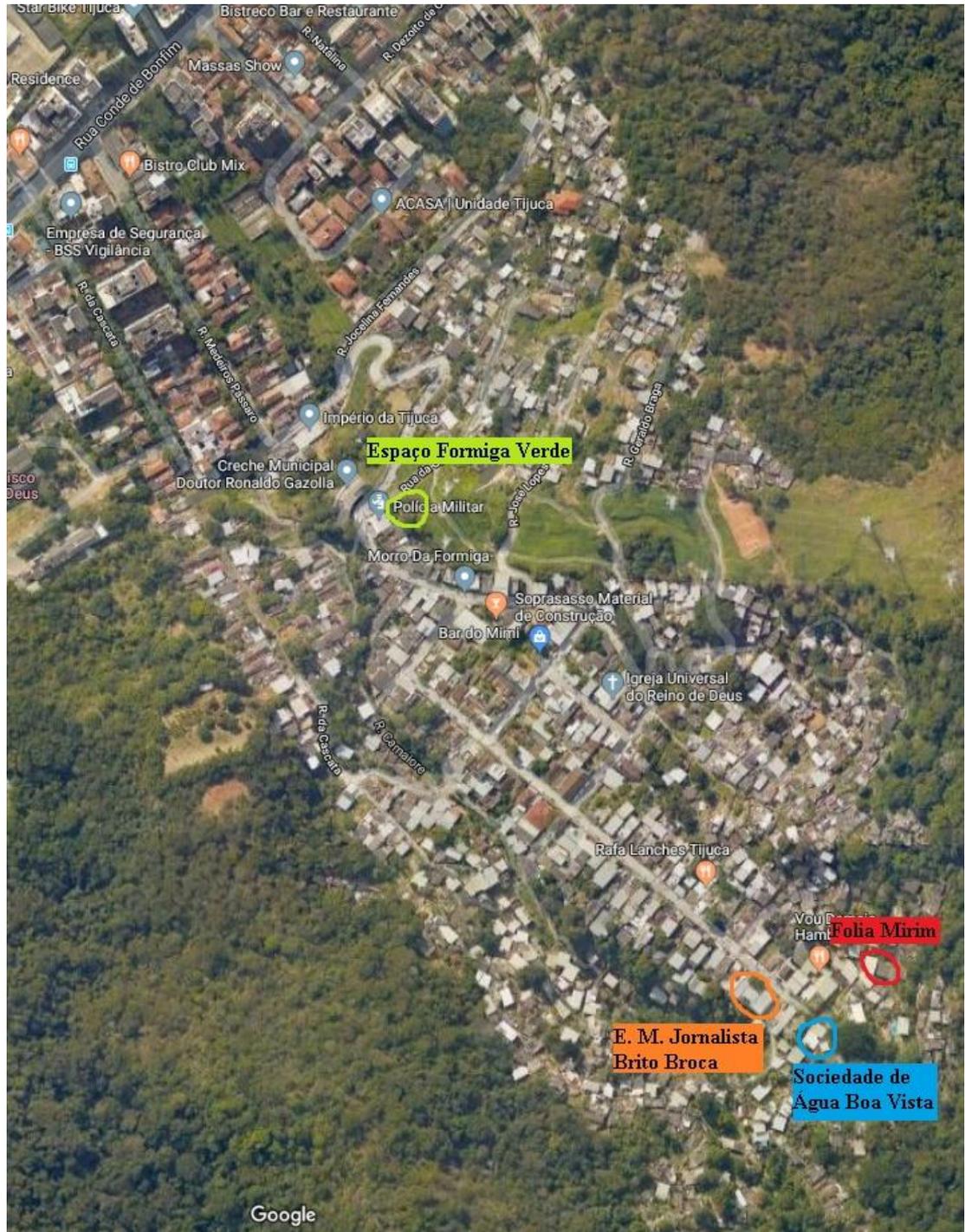


Figura 7. Imagem via satélite com destaque dos marcos de mobilização comunitária: em verde Espaço Formiga Verde; em laranja E.M. Jornalista Brito Broca; em azul onde acontecem as reuniões da Sociedade de Água Boa Vista; em vermelho Folia Mirim.

5.2 Narrativas dos moradores: a Formiga, na voz e na visão de seus atores, moradores

Ao longo do processo de vivência na Formiga muitas narrativas foram contadas, algumas verbalmente, outras em atitudes e silêncios. A maior parte das narrativas eu inseri no caderno de campo através da minha memória e afetamentos sobre o que foi contato. Duas narrativas, especificamente, foram colhidas de forma mais sistemática para entrar no corpo da dissertação. Uma terceira narrativa também foi planejada, porém não pôde ser contada pelos atravessamentos da rotina.

Os encontros com a terceira moradora, e importante articuladora na Formiga, foram sequentemente desmarcados devido aos tiroteios e alguns falecimentos que ocorreram no Morro da Formiga em 2019. O que também nos conta muito sobre os constantes ajustes que os moradores expostos à violência são obrigados a fazer por não conseguirem sair de casa e circular pelas ruas.

Nas narrativas a seguir os moradores contam suas experiências de viver no Morro da Formiga. Um dos narradores é filho de mineiros que vieram morar no Rio de Janeiro e reside na Formiga desde quando nasceu. O outro narrador nasceu no Espírito Santo e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1949, aos 18 anos, em busca de oportunidades de trabalho.

5.2.1 Antônio³, morador da Formiga há 70 anos

Eu cheguei ao Morro da Formiga em 1949, quando tinha 18 anos. Nasci no Espírito Santo e me mudei para o Rio de Janeiro. Quando cheguei já tinham dois irmãos meus morando aqui na Formiga. Meu primeiro emprego no Rio foi na empresa Guará Refrescos, em Vila Isabel. Depois disso trabalhei na Bhrama e na Leopoldina, onde me aposentei em 1982. Em 1984 comecei a trabalhar no Morro da Formiga, foram diversos serviços.

Antigamente as ruas não tinham calçamento, a gente lavava os pés quando descia, tinha um lugar para lavar o pé lá em baixo. A gente tirava o barro do sapato antes de ir trabalhar. Em 1952 a rua principal da Formiga foi calçada por um

³ Nome fictício.

vereador. Até então Seu Correia, um vizinho, era o único com um automóvel, ele tinha um caminhão. Após o calçamento as pessoas começaram a comprar carro.

No ano de 1984, com a ajuda da Prefeitura, ocorreu um projeto de construção de escadaria em toda a comunidade, esse processo durou até 1994. Os próprios moradores trabalhavam na obra, a prefeitura deu o material e a gente fazia a parte da mão de obra. Eu trabalhei com mais 10 moradores nessa obra. As escadas subiam o morro todo, até lá em cima, onde hoje só tem a caixa d'água. Nessa época também começou a obra de esgoto.

Em 1988 o vereador Pedro Porfilho inaugurou o posto médico na Formiga com ajuda de Hélio, presidente da Associação de Moradores na época. Hélio nasceu no Morro da Formiga e aos 22 anos foi eleito presidente da associação de moradores.

Em 1997 começou o Mutirão de Reflorestamento no Morro, muito porque com as chuvas aconteciam deslizamentos aqui. Eu fui o encarregado do Mutirão durante 12 anos. Nesta época houve um incêndio na mata e um dos bombeiros envolvidos infelizmente veio a falecer. O projeto do mutirão continua até hoje. Uma das funções da equipe do mutirão é controlar os focos de incêndio.

Foi em 1985 que chegou a água da CEDAE no Morro com o Secretário Luiz Alfredo Salomão. Um trabalho forte da Associação de Moradores, foram diversas vezes na prefeitura insistir pela água. Na época da obra, com os funcionários trabalhando direto aqui, minha esposa que fazia comida para eles. Era um monte de comida todo dia.

A fundação da Sociedade de Água Boa Vista foi em 1950, eu tinha acabado de chegar. Os outros sócios que estavam na fundação já morreram, agora estão os filhos deles aí. Nessa época a garotada tomava banho na grotá, as famílias lavavam roupa lá, mas tinham casas até lá em cima, lá pertinho. Uma coisa que tem aqui é que na época do sol forte a água diminui.

Uma vez vieram uns engenheiros fazer a verificação do uso da água da nascente. Fui eu e o meu vizinho aqui de baixo, já morreu, Poleça o nome dele, com os engenheiros. Subimos isso tudo andando, até lá em cima no Sumaré. Eles viram que não tinha mal nenhum o sistema.

Uma coisa que você pode perceber é que a maioria tem felicidade em morar na Formiga. Eu não me mudo daqui não. Meus filhos já perguntaram, mas eu já disse que a minha vontade é ficar aqui.

Essas Kombis que você vê aí começaram a rodar em 1961, a rua já tinha calçamento. Antes só subia e descia a pé.

Eu tive quatro filhos, todos estudaram nessa escola daqui, a Brito Broca. Depois foram para a escola Soares Pereira, que é de ensino fundamental, e fizeram o ginásio na Veiga de Almeida. A gente trabalhava muito para garantir o estudo deles. Meus dois filhos fizeram faculdade de Direito, um deles na UERJ. Uma filha fez enfermagem e a outra está aqui comigo, cuida de mim. Meus filhos vêm me visitar com frequência, tenho netos também. Eu tive sorte com família, mas também, minha esposa, mulher boa, ficava em cima, de olho, ela foi uma grande companheira. Fizemos um bom trabalho juntos, sou feliz com essa família que eu tenho.

Você sabia que a terra é muito boa para nós? A terra fornece tudo. Eu planto o que eu posso aqui em casa, umas coisas nasceram sozinhas. Eu trabalhei muitos anos no Mutirão de Reflorestamento. Eu não dava mole pros meninos e eles até se zangavam. Comigo era em ponto, oito da manhã lá bem no alto, a gente trabalhava até três da tarde e descia. Subia e descia com as ferramentas. Uma das funções era apagar os focos de incêndio, a gente fez muito isso. Em 2009 eu saí do Mutirão, já não dava pra mim, era melhor um mais jovem assumir.

Uma vez subindo na mata para fazer a manutenção do sistema da sociedade encontramos uma jiboia de uns três metros esticadinha dormindo. Ficamos naquela de mata ou não mata, mas decidimos matar para ela não dar susto na gente depois. Matamos a cobra, depois cavamos um buraco e colocamos aquilo tudo, ela enroladinha, para enterrar.

Eu comecei a ser o responsável por tomar conta da sociedade de água em 1958 e depois, já mais velho, passei para o César tomar conta. Depois da obra da CEDAE só algumas casas continuaram sem água, aí tem a sociedade.

Fui também secretário da Associação de Moradores por três mandatos.

Não sei se você sabe, mas diferente das outras, a Formiga é loteada. Aqui tinham muitos portugueses, eles lotearam. Eu mesmo comprei esse lote aqui em 1976 de uma portuguesa. Ela tinha comprado esse lote pra ela em 1935. Existem lotes aqui que não abriram rua. Ao menos na rua principal todos pagam IPTU, na verdade todos tem cobrança de imposto, não sei dizer se todo mundo paga, né. Hoje aqui não tem mais português não, tem mais mineiros, capixabas, nordestinos e nortistas.

5.2.2 Sérgio⁴, morador da Formiga há 48 anos

Eu resido aqui no Morro da Formiga há 48 anos e posso já, desde o início, pontuar uma situação que foi um divisor de águas na minha vida, na minha forma de me relacionar com o meu território, com as demandas locais. Junho de 2013, que foi aquele período das grandes manifestações onde eu tive contato com pessoas, com movimentos, com propostas, com toda uma situação que até então, em grande parte eu desconhecia. E muitas pessoas como eu, acredito, aqui no território sentem algum tipo de situação que não está funcionando muito bem, que a gente vê que tem algo de errado desde sempre, mas que a gente não consegue identificar e minimamente ter uma capacidade, as ferramentas necessárias, para atuar sobre essas coisas que nos afligem desde sempre enquanto morador de favela de território pobre, cheio de problemas.

Então aí, em junho de 2013, eu conheci alguns companheiros, através desses companheiros algumas propostas, assim, outras formas de atuação, que até então eu nem imaginava que existiam. Isso foi uma coisa que me fez despertar, me fez dar uma guinada de 360 graus na vida, no sentido de ver possibilidades de atuação. Isso nos diversos sentidos, não só nessa coisa socioambiental, sociocultural, mas nas coisas mais básicas mesmo. Então a gente, eu particularmente, não tinha aquela inquietude. Sentia aquela coisa que me provocava, que eu sabia que não estava certa e que deveria ser modificada, transformada, mas não via uma possibilidade além do que a maioria das pessoas enxergam, que é a via político partidária. Você votar em alguém e essa pessoa fazer as transformações necessárias, fazer as melhorias, modificar as coisas que a gente, até então, identifica como coisas que não estão corretas, não estão funcionando bem em nossa vida. A vida da maioria das pessoas se limita a isso, as pessoas não tem essa oportunidade de conhecer outras possibilidades.

E essas oportunidades e essas possibilidades eu tive a partir de junho de 2013 nas ruas e nos diversos lugares que eu passei, espaços de discussão, espaços de debate. As pessoas se reuniam para conversar sobre diversos temas, que dizem respeito às questões dessa nossa sociedade que estamos inseridos, cheia de injustiça, exclusão, violências. A gente tem que transformar muita coisa para poder dizer que vivemos num ambiente minimamente civilizado. Isso foi uma

⁴ Nome fictício.

coisa que me transformou e que até hoje eu procuro colocar em prática na atuação no meu território. A gente tá conseguindo já alguns pequenos avanços, estamos caminhando. Conheço irmãos também que a partir desse movimento de junho de 2013 também tiveram essa condição de se potencializar e fazer coisas nos seus locais de moradia. Muito além de esperar uma redenção, uma transformação, uma ideia de um determinado dirigente político.

Eu aqui na Formiga, por exemplo, especificamente no momento, estou muito envolvido no trabalho sociocultural das Folias de Reis, já tem três anos. Trabalho com um grupo de jovens e crianças de 8 a 21 anos, mas a média de idade tá ali entre 13 e 16 anos. É um trabalho nesse sentido de fazer com que essa posição das Folias de Reis continue existindo no território. É uma tradição que se perdeu nas favelas do entorno aqui da região da grande Tijuca, muitas delas tiveram Folia de Reis, mas, por uma série de dificuldades, por não ter ocorrido esse trabalho de renovação também, eu acho que é o principal motivo, se perderam. E a gente tenta manter viva essa tradição aqui que é uma das nossas maiores características. A coisa que é nossa identidade enquanto território maior são as Folias de Reis. E por incrível que pareça, até mais que o samba. Porque aqui também nós temos uma Escola de Samba, a Império da Tijuca. O samba tem toda uma estrutura, tem todo um dinheiro envolvido que movimenta essa coisa do samba, mesmo sendo uma escola do segundo grupo do carnaval carioca. A Império da Tijuca com certeza tem muito mais condições de se manter, de realizar o trabalho que eles realizam, o samba, do que a Folia de Reis.

A Folia de Reis existe por ajuda de pessoas abnegadas, pessoas que tem uma sensibilidade diferenciada e ajudam enquanto indivíduos a gente suprir necessidades básicas da Folia de Reis. Uma coisa bem simples mas, por incrível que pareça, são coisas bem simples mas que a gente nunca teve uma ajuda por parte do Estado, a nível municipal, federal, estadual, etc. É vestuário, instrumento e a locomoção. A gente tem parceiros, que a gente conseguiu nesses 3, 4 anos de trabalho, que nos ajudam. Aí a gente faz uma coisa de pedir uma ajuda, passar uma sacolinha, quando nós temos as demandas. A gente toca a coisa muito dessa forma. Mas, por exemplo, não tem uma ajuda no nível de Estado para manter essa tradição. Sempre foi assim, sempre sobreviveu assim, mais de 70 anos que ela existe no território. A Folia de Reis sempre sobreviveu com as pessoas tirando daquilo que por muitas vezes nem tem para dar, meio que desfalcando uma coisa no

seu orçamento familiar, que é super apertado, para investir na Folia de Reis e manter viva essa tradição.

A outra coisa que a gente tá tentando tocar também é um trabalho socioambiental, é o trabalho da horta no espaço que nos encontramos no momento. A gente deseja fazer desse espaço aqui um espaço que a partir dele a gente possa ter desdobramentos e fazer com que toda uma cultura, nesse sentido de trabalhar a parte socioambiental, venha a ser construída no Morro da Formiga. Por diversos motivos, por exemplo, a gente tem uma necessidade de gerar renda, gerar emprego pros moradores de favela desde sempre, aqui a gente enxerga que isso é uma possibilidade, a gente começar a cultivar toda uma produção orgânica para depois revender. E também a gente produzir um alimento saudável, livre de veneno, de agrotóxicos a serem consumidos, dando possibilidade para uma série de doenças.

Infelizmente a atual conjuntura nos coloca nesse dilema onde o uso indiscriminado de veneno na produção e cultivo de alimentos tá mais do que liberado, uma coisa louca, suicida, o extermínio mesmo. A gente fica até tentando entender a lógica da coisa, parece uma grande relação entre quem é fabricante desse tipo de veneno e os governos e os, sei lá, essas empresas de saúde. Parece que é tudo uma coisa interligada porque não faz sentido nenhum, é irracional. A gente chega até a desconfiar que seja uma lógica macabra como essa que está por trás, dessa coisa maluca.

Então quer dizer, o espaço tem essa função, também cria toda uma cultura de cuidado com o meio ambiente, uma formação, essa é uma ideia já a médio e longo prazo. E agente quer trabalhar questões como lixo e reciclagem, tudo a partir desse espaço. Quer dizer, hoje são os dois trabalhos que a gente está mais envolvido. Eu com alguns companheiros do território, outras pessoas de fora que nos ajudam também, como você Aurea, e outros companheiros que tem essa disponibilidade e tem esse compromisso de subir no território de favela e ser parte de um trabalho que visa determinado objetivo. Sempre com ótica de ser um trabalho coletivo, horizontal, inclusivo, aberto e que se propõe a fazer uma mínima diferença. Na coisa de fazer do território, da vida das pessoas que habitam esse território, uma coisa melhor. Porque como eu falei, como eu citei, a gente não pode esperar iniciativas como essa, de fazer trabalhos nesse sentido, por parte de prefeitura, de governo do estado, governo federal. Porque a gente já esperou muito tempo por essas pessoas

e nossas vidas estão aí desde sempre repletas de problemas, de coisas aí colocadas e necessárias de serem abordadas ali fazendo as devidas intervenções.

Então a gente tem que tocar a nossa vida, não excluindo de repente, por exemplo, uma possibilidade de amanhã ou depois ter um apoio de uma prefeitura, de um governo do estado. Seria muito bem vindo, mas tendo essa consciência de que a gente não pode esperar. Enquanto não chega nada, se é que um dia vai chegar, não tenho essa expectativa, mas também não é uma coisa que a gente pode dizer que é impossível porque a gente não sabe do futuro, a gente tem que tocar a nossa vida e fazer o que for possível hoje dentro das nossas possibilidades.

E uma coisa, assim, muito por parte mesmo do pressuposto de algumas das pessoas terem uma ignorância completa sobre determinados fatos. Por exemplo, a Folia de Reis aqui na Formiga, tem gente que mora aqui no asfalto, na Saens Pena, aqui na Rua Uruguai, que é bem próxima, e não sabe que tem Folia de Reis na Formiga. E elas existem aqui há mais de 70 anos. Uma coisa muito louca, né?! Porque por exemplo, a Folia quando ela sai para a jornada, pra fora do território, quando ela visita diversas favelas, bairros, vai desde a Taquara, Vila Kennedy, passando por Glória, Cidade de Deus, Alto da Boa Vista, a gente circula, Nova Holanda.

A nossa Folia aqui, das crianças, que a gente está com esse trabalho agora, ainda não tivemos a oportunidade de ir na Baixada, mas a Folia de adultos que existiu aqui já foi na Baixada, já foi em Santa Cruz, foram longe mesmo. A Folia funciona da seguinte forma: são sete anos de jornada, promessa que a gente fala, para botar a Folia na rua, e depois é uma coisa renovável ou não. Pode renovar a Folia por mais sete anos ou não. Quer dizer, tivemos diversas Folias aqui que já passaram, já deixaram de existir, eles descansaram suas bandeiras, como a gente fala quando a folia encerra seus sete anos. Mas foram longe mesmo, foram fora do Rio de Janeiro.

Enfim, a nossa Folia aqui tem um potencial de ser um atrativo, de ser uma coisa que venha a mobilizar e até gerar mesmo toda uma atividade econômica em torno dela, mas ela continua desde sempre nessa condição por essa situação de ignorância mesmo das pessoas. Por exemplo, vem o carnaval, não sem motivo, como uma expressão cultural linda, todo mundo acha, é quase que um consenso das pessoas, mesmo quem não participa mais diretamente, vê aquela coisa, não tem como você, por exemplo, ir numa quadra de escola de samba, ver aquela

bateria, ver aquela energia toda e aquilo ali não te tocar. Por mais que você não aguento ficar ali duas horas, mas tipo assim os 15 minutos que você aguentou ficar ali tu vai sair dali tipo, assim, “caramba que coisa linda, só não aguentei mais pelo barulho, tenho problema com barulho”. Mas foram 15 minutos, assim, coisa linda e eu quero voltar e voltar, mais 15 minutos, mais 15 minutos, mais 15 minutos, enfim... Mas aí as pessoas veem o carnaval como essa expressão cultural linda que é o carnaval e que também tem uma condição gigantesca de movimentar toda uma parte financeira, gerar toda uma riqueza.

E a Folia, por exemplo, aqui na Formiga particularmente, porque eu posso falar pelo meu território, também tem esse potencial. Se a Folia fosse apoiada, divulgada, se ela tivesse toda uma estrutura mínima pra funcionar, eu tenho certeza que o efeito seria algo muito parecido com a coisa do carnaval. Por exemplo, se tivesse uma condição das pessoas subirem aqui em grupos, conhecer a Folia, ver um ensaio, ver uma apresentação da Folia, essas pessoas sairiam daqui encantadas, elas voltariam com outras pessoas e divulgariam e seria um movimento crescente que eu tenho certeza que em curtíssimo prazo a Formiga estaria nos holofotes internacionais.

É uma expressão cultural que, na cidade grande principalmente, ela é rara. Nós temos Folia de Reis só aqui no Grande Rio, que a gente tem noção, que tem conhecimento. A gente já está nessa coisa há um bom tempo, é na Mangueira, na Formiga, no Dona Marta e ali no Lins. Depois é só entrando mais pra Baixada, interior do Estado do Rio, mas aqui na grande cidade, no Rio de Janeiro mesmo, no município, a gente só tem Folia de Reis nesses locais. Quer dizer, seria com certeza mais um atrativo pra quem vem de fora, para pessoas que vem de outro estado que ainda não conhecem. Certamente faria toda uma movimentação a mais na cena cultural do Rio de Janeiro se essas Foliás da Mangueira, Dona Marta, da Formiga e do Lins fossem apoiadas e potencializadas.

Nós vamos pra Anchieta amanhã. Nós vamos pra Anchieta, mas é outra coisa, a gente vai para uma apresentação da Folia num espaço cultural. Nós fomos ano passado, esse ano fomos convidados de novo. Amanhã às três horas vamos sair aqui do pé do morro de ônibus e vamos lá nos apresentar. Ano passado nós fomos para lá, ficamos lá a tarde e a noite inteira. Aí teve capoeira, é uma coisa que o pessoal do espaço lá faz uma atividade, assim, que tem, nesse dia pelo menos

teve capoeira, teve música, teve a Folia e mais uma coisa, acho que grafite. Eles fazem uma coisa bem diversificada de atividades culturais.

Agora dia 28 vamos estar aqui em Vila Isabel, na 28 de setembro, numa escola chamada Equador, Escola Municipal Equador. Teve uma professora que entrou em contato comigo, aí perguntou se teria condição, etc, falei com o pessoal lá, com os meninos que organizam a Folia junto comigo, aí fechamos. Amanhã vamos para Anchieta e dia 28 em Vila Isabel. Também vamos em um colégio particular aqui na rua Conde de Bonfim, ali na subida do Alto da Boavista, também esse mês, não sei quando exatamente. As coisas vão surgindo assim, uma apresentação aqui, outra ali. Fomos em Paquetá agora há pouco tempo, umas 3 semanas atrás, teve também um evento lá, muito bacana.

Por coincidência, a diretora Angela da Brito Broca, escola municipal que nós temos aqui na Formiga, tem casa em Paquetá, coincidência muito maneira. A gente já sabia, mas aí chegamos lá, tava ela lá já esperando. Ela conhece todo mundo lá, porque é nascida e criada em Paquetá, a família dela toda. Inclusive ela tá se aposentando, a gente tá muito triste com isso, eu particularmente, ela é uma pessoa diferenciada. A princípio quem vai entrar também é uma professora já da escola que a gente tem relação muito boa também. Mas aí a Angela já tá com a gente há um bom tempo aí na Formiga. Ela falou “André, vou me aposentar, aí vou começar a tocar minha vidinha aqui, ficar aqui em Paquetá que é minha terra. A hora que quiser vir pode vir, a casa tá aberta, se quiser visitar, passear, trazer as crianças”. Enfim, foi muito legal, ela deu um rolé com a gente lá na ilha, apresentou a ilha pra gente, os lugares, contou histórias, muito bacana.

Hoje aqui na Formiga tem a Folia Mirim, tem uma Folia que ano passado, a Rosa e Branca, que é A Estrela... A Brilhante Estrela do Amanhã, a Rosa e Branca que fechou o seu sétimo ano agora em 2018, aí eles ainda estão vendo se vão renovar ou não. Mas esse ano já tá pra vir uma outra Folia, de um mestre antigo aí que estava parado, o Mestre Bedeu, aí vai botar a folia dele de novo. Porque geralmente é muito raro na Formiga não ter no mínimo, no mínimo, duas Folias de Reis. Porque são muitas pessoas querendo sair, muitos jovens, muitas crianças e uma folia só não tem condições. Por exemplo a nossa Folia já tá super lotada, a gente tem quase 40 jovens e crianças. Mas mesmo assim não é suficiente, tem que ter no mínimo duas. Para contemplar essa quantidade de pessoas e jovens que querem sair na Folia. Enfim, agora pra 2019/ 2020, que é o período, de 25 de

dezembro de 2019 ao dia 20 de janeiro de 2020, que é o período das Folias de Reis, teremos certamente duas folias. A nossa, das crianças, que a gente vai pro quarto ano, só faltam três pra gente fazer esses sete anos que é do protocolo da tradição. E vai agora iniciar os sete anos dessa outra Folia do Mestre Bedeu. Enfim, é isso.

Eu queria citar também aqui uma coisa que agora me veio, estava me escapando, escapando da minha lembrança, é que a gente também, eu particularmente, estou fazendo um movimento, estou em contato com uma professora de Educação Física chamada Mônica. Hoje à tarde ela até vai vir aqui na Formiga, a gente vai se encontrar novamente, vai ser o terceiro encontro. A gente tá construindo uma ideia, a gente tá batendo um papo, por duas vezes, vamos para o terceiro momento. A gente está tentando fazer um trabalho com a parte de esportes na quadra que nós temos aqui, que é um espaço que hoje existe e que já está ali disponível há no mínimo uns 15 anos, mas sempre foi muito subutilizada. Uma utilização precária, coisas, assim, bem incipientes, feitas por pessoas que chegam ali, juntam uma galera, fazem normalmente só futebol. Teve ali uma coisinha de vôlei recentemente, mas tudo um projetinho que a gente nem sabe ao certo como chegou, muito esvaziado.

É muito louco, né, a pessoa chega com um trabalho, por mais que seja bem intencionado, falta uma sensibilidade, por mais que seja bem intencionado, ele chega com uma proposta assim... vôlei, por exemplo, basquete. Para você chegar no território com uma proposta de um trabalho com vôlei, com basquete, com handebol, tem que ter todo um trabalho que venha preceder a implementação do projeto. Porque são coisas que estão muito distantes da nossa realidade, da molecada. Por exemplo, tem um moleque, um jovem que de repente ele vai ter contato com, vamos dizer assim, com uma coisa ali de uma oficina, um dia de uma oficina de vôlei ou de basquete, ele vai participar, ele vai se encontrar naquele esporte, vai gostar daquilo de um jeito que ele vai querer voltar, voltar, voltar, e se mexer e colocar todas as suas energias, até mesmo no sentido de querer se tornar um atleta realmente desses esportes. Mas isso aí é uma coisa que precede, tem que ter esse movimento anterior. Porque não adianta você chegar aqui e “ó vou começar uma escolinha que basquete na Formiga amanhã na quadra”, não vai funcionar, esses moleques não sabem nem o que é basquete, a maioria deles assim, já ouviu falar em basquete, mas não sabe ali as coisas básicas de um basquete, de um vôlei, de um handebol. Aí quer dizer, a coisa tende a não dar certo.

A nossa proposta é uma coisa que venha precedida de toda essa didática, esse trabalho minucioso de apresentar a possibilidade, de apresentar o esporte pros jovens e para as crianças, buscar as escolas, buscar as instituições locais do território para serem parceiras. Para a gente divulgar e depois pensar em fazer com que o projeto se concretize. A gente tá construindo ainda essa coisa, porque é uma coisa que sempre me tocou muito, essa coisa da parte do esporte, sempre gostei muito. Aí eu troquei essa ideia com essa professora, que me foi indicada por um amigo, um parceirão também, que é lá da favela da Maré, o Carlos, ele é da UERJ. Essa professora ele conheceu lá na UERJ, hoje ela dá aula Maré, numa escola na Maré.

Esse amigo também tem um trabalho bacana lá na Maré, ele tem um curso de formação para concursos públicos, em vez de ser um pré-vestibular, você se prepara para concorrer em determinados concursos públicos, tentar conseguir um emprego. Trabalho muito bacana do curso... é Orosina Vieira o nome do curso deles lá. Trabalho bacana. Enfim, a gente trocou essa ideia e estamos avançando, eu acho que vai dar muito certo. Vamos marcar um dia para geral se conhecer também, vocês conhecerem, eu acho que é uma galera que vibra muito na nossa sintonia mesmo, de tentar fazer com que as coisas se modifiquem para a melhor.

Eu ontem mesmo estava no Morro do Salgueiro, um morro aqui vizinho, e teve a volta, depois de dois anos parado, de um sarau de poesias chamado Quintas Poéticas. É uma proposta de dois companheiros, eles têm um espaço bacana que é um comércio que eles construíram no Morro do Salgueiro e na laje eles fizeram um espaço comunitário bacana, onde ocorre uma série de atividades, desde culturais... que tem haver com saúde, rodas de conversa... É muita coisa, lá tá aberto para tudo, desde sempre, é só chegar, conversar com eles que eles são dois caras super abertos, Emerson e Marcelo, e o nome do espaço é Caliel. Eu gosto de citar porque é um espaço que, pra mim, é referência. Levei muitas pessoas, faço questão de levar o maior número possível de pessoas nesse local porque são pessoas que merecem ter o reconhecimento, ser divulgadas em todos os espaços, pelas mais diversas pessoas. Porque são pessoas que fazem a diferença ali no Morro do Salgueiro.

Enfim, aí eu me espelho muito neles, nessa coisa né. Por que das pessoas que eu conheço, assim, nas favelas do entorno aqui da Grande Tijuca, eles são disparados os que tem uma iniciativa que já foi construída, que está funcionando há

mais tempo. Então eu faço sempre questão de falar deles, citá-los, divulgar o trabalho deles, o espaço deles. E a gente tenta fazer alguma coisa parecida aqui na Formiga, ainda não temos um espaço nosso constituído para a gente fazer uma coisa como eles fazem, mas a gente tá fazendo outras coisas que tem tudo a ver também com essa proposta deles.

Esse espaço aqui da horta é um espaço de porte médio. E eu acho que o ideal aqui é a gente ter uma produção maior possível, a partir desse espaço. Produzir porque, por exemplo, o que vai funcionar mesmo, isso a gente fala por conhecimento, por saber como é que funciona mais ou menos assim a cabeça dos moradores, a nossa realidade. O que vai funcionar mesmo para trazer pessoas, para que as pessoas se envolvam no trabalho de forma mais profunda é essa coisa da produção. As pessoas verem, por exemplo, que nem eu já falei, a gente produzir aqui. Tem uns pequenos espaços espalhados pelo território que a gente vai reproduzir o micro, essa ideia aqui maior. Isso que vai fazer a diferença quando as pessoas do entorno verem aquela coisa daquele micro espaço transformado em uma pequena horta, num pequeno jardim, naquela coisa ali de você revitalizar um espaço que hoje é um terreno cheio de mato e fazer dele um lugar que produz comida, produz até um jardim bonito que embeleze o local, nesse entorno onde tem as residências. Isso aí é o que vai fazer com que as pessoas despertem para a relevância da coisa. Pode fazer uma diferença das mais variadas formas, porque aí dali a gente já vai fazer esses desdobramentos que eu te falei da gente trabalhar a questão do lixo, trabalhar a questão da reciclagem. Tem que tocar essa coisa da relação saudável que existe ligada com o meio ambiente e a nossa existência. Mas aí tudo vai partir muito dessa coisa, das coisas concretas, das coisas palpáveis para as pessoas terem um contato.

5.3 Leituras a partir das interfaces e vozes: a Formiga, na perspectiva da pesquisadora

A aproximação com o Morro da Formiga incluiu o meu processo de aprender a compartilhar saberes com os moradores e aos poucos entender quem eu era neste contexto. A sistematização do texto no presente trabalho tem como plano de fundo aprendizados difíceis sobre como me coloco no mundo e um processo intenso de desconstrução para me permitir aprender com o que estava vivenciando. A

vivência provocou a perda de certezas para que, com espaços vazios, fosse capaz de ouvir.

A partir das visitas iniciais ao Morro da Formiga, nas quais pude conhecer algumas pessoas que compõem a Formiga e contar para elas o que eu estava pensando em estudar, foi possível aprender e corrigir muitos entendimentos distorcidos que me acompanhavam. Comecei a sentir o território e assim me afastar da construção de “especialista de fora” que criei lendo diversos trabalhos acadêmicos sobre a Formiga. Os principais pontos de contato neste início foram a Sociedade de Água Boa Vista, a Escola Municipal Jornalista Brito Broca, a Folia Mirim A Brilhante de Belém, e pesquisadores de outras universidades que também estavam no território.

Um dos pontos levantados pelos moradores nas conversas iniciais foi o quanto a vida deles é atrapalhada pelas generalizações acerca do que compõe o território. E identificavam a academia e a mídia como principais propagadores de ideias atravessadas sobre as experiências do Morro. Ressaltaram muitas vezes que a ignorância da classe média branca sobre localidades como a Formiga faz com que “as coisas boas” fiquem invisíveis e “as ruins” não sejam resolvidas. Ou seja, possuem uma coleção de encontros que sugam energia e não produzem nada. E ao ouvir essa dor, primeiro questionei meu potencial de utilidade no Morro da Formiga e depois fui encorajada a afinar mais minha proposta de aproximação.

Para organizar a descrição de como foi o meu processo de elaboração do que estava vivendo criei categorias informais que partiram de experiências registradas em diário de campo no início da aproximação às quais gostaria de dar destaque. Esta documentação dos diferentes momentos da pesquisa também ressalta o que eu olhava em uma fase do processo e como a minha atenção foi deslocada para outras posições aos poucos.

5.3.1 Categorias informais intuitivas

O conjunto de categorias proposto a seguir acompanha registros do diário de campo e são descrições baseadas em sensações pessoais. O objetivo de incluí-las neste documento é expor os aprendizados que fui capaz de sintetizar e o processo pelo qual passei. Estas categorias fazem parte das minhas primeiras impressões no

Morro da Formiga, estava aprendendo a estar lá e aprendendo a fazer pesquisa colaborativa.

Minha dificuldade de explicar o que eu estou fazendo ali.

Nas primeiras visitas à Formiga vivenciei minha própria insegurança sobre propor algo que “é e não é” ao mesmo tempo: conceitos amplos, metodologia flexível, resultado incerto e o convite para que me ajudassem a construir. Foi um grande desafio propor uma pesquisa no campo da psicossociologia concomitante ao meu processo de compreensão deste campo do saber. Eu criei uma grande expectativa de que a construção dos objetivos da pesquisa seria conjunta e ao explicar o que estava pesquisando procurava não definir demais para deixar espaço aberto, o que deixava a explicação confusa. Durante o processo ouvi falas bastante desconectadas do que tentei explicar sobre a pesquisa: “Essa é a Aurea, substituta do Julio.” (Julio realizou sua pesquisa de dissertação na Formiga e me passou os primeiros contatos); “Aurea é da Secretaria e tá aqui acompanhando a gente pra ver o que consegue fazer lá por nós”. Momentos que oportunizaram que eu explicasse de outra forma o que estava me propondo a fazer.

Nesse caminhar percebo que a dificuldade é atenuada na escola, lá consigo explicar o que estava me propondo a fazer. Mas a escola é uma instituição supralocal na Formiga, assim como a universidade, talvez por isso tenha menos receio ao explicar. Nas conversas com a escola fico mais relaxada e me preocupo menos em apresentar um “produto final” ou em defender minha importância ali.

Ao longo das conversas, também pude notar que vesti o papel das expectativas que eu acho que as outras pessoas colocam na universidade e usei em alguns momentos uma forma de comunicação rebuscada que não notava como parte do meu cotidiano. Ao organizar junto com a Folia Mirim o que seria necessário para começar a revitalização do espaço de horta, disse a seguinte frase: “vamos elencar as necessidades do espaço” e logo em seguida corrigi para o que realmente queria dizer “vamos fazer uma lista do que precisamos para agitar isso”. Notar esses detalhes permitiu que pudesse me afinar mais.

Aprendendo com a Formiga e com o Laboratório Memórias, Territórios e Ocupações: rastros sensíveis – LabMEMS - percebi que são os co-autores deste trabalho, os verdadeiros narradores da Formiga, que guiam o que estive construindo ali, independente de eu ter sentido que me expliquei bem ou não. Eu achava que os

moradores queriam saber sobre minha pesquisa, mas, possivelmente, eles estavam preocupados em me conhecer e saber quem eu sou.

Eu, mulher, no campo.

Assim como na maioria dos lugares, também encontrei o machismo no campo e o posicionamento é um esforço em todos os contextos. Destaco aqui a vivência de situações machistas no campo e um novo lugar que é criado com a reação, já que aprendi que nem todas as relações no campo serão amistosas. Ao aceitar o convite para acompanhar a manutenção do sistema da Sociedade de Água, em área de mata, próximo à nascente, ouvi a seguinte fala em tom de brincadeira: “Cuidado que macaco quando vê branquinha assim dando mole no mato, fica doido”. Minha reação foi um olhar sério marcando minha insatisfação com a “brincadeira”. No dia da manutenção, ao me ver, o mesmo homem comentou: “Ela veio mesmo, é corajosa, não tem medo de macaco nem de cobra”. Segui com a seriedade ao comentário.

Vivi algumas vezes em campo a sensação de vulnerabilidade na qual reconheço que minhas preocupações e traumas estão presentes na forma como encarei. Percebi que é recorrente ficar alerta quando estou a caminho de ambientes prioritariamente masculinos na Formiga. Busquei também observar o quanto a situação já era uma questão para mim antes de chegar lá e o quanto eu potencializo essas falas ou situações.

Os episódios machistas que vivenciei trazem questões sobre como deve ser a relação com o machismo para as mulheres que moram na Formiga.

O que eu sou capaz de ouvir e entender do que a Formiga me diz.

Com os primeiros meses indo para a Formiga percebi que eu não sou capaz de entender tudo o que me dizem. E que, portanto, esse trabalho é uma discussão sobre o que eu ouvi acerca dos sentidos de comunidade do Morro da Formiga e não sobre o que eles e elas disseram.

A convivência foi fundamental para que eu pudesse afinar minha escuta. Não para compreender totalmente suas histórias, mas sim para entender o meu lugar de escuta. Quanto mais afinada eu estiver sobre meu lugar de escuta, mais sincera pode ser a produção do trabalho. Isso acompanha uma discussão sobre o papel de cada ator em um contexto no qual se propõem ao menos duas posições, a de protagonista, que possui um lugar de fala a partir de uma imersão na situação, e a

de aliado, que pode não estar imerso, mas se disponibiliza a contribuir. Na Formiga percebo que me afinei ao lugar de aliada.

A quebra da idealização, o perigo da romantização e a visão “especialista de fora”.

Antes de ir a campo eu li muitos trabalhos escritos sobre a Formiga, monografias, dissertações, artigos acadêmicos e jornalísticos, cheguei lá conhecendo algumas histórias, algumas pessoas, os principais marcos e fazendo questão de mostrar que eu tinha “feito o dever de casa”. Eu já sabia, por exemplo, os eventos que tinham acontecido nos últimos anos e a história de fundação da Formiga. Com isso perdi algumas oportunidades de estar atenta e ouvir como tudo isso é contato hoje, o que ficou na memória sobre evento que eu sabia que tinha acontecido, como a história de ocupação estava sendo contada agora e pra mim.

Idealizei a Sociedade de Água virando fã, romantizando ao máximo, achando incrível a organização e a forma como a Formiga resistiu ao Estado. E isso me fez esquecer em alguns momentos que é um absurdo o serviço de água não estar em funcionamento até hoje. A Sociedade de Água não é um museu em memória da luta e resistência, ela é luta e resistência até agora. Quando, certa vez, eu perguntei “O que eu posso fazer para ajudar?” recebi como resposta “Ligar para a CEDAE para que venham instalar as ligações de água para o resto da Formiga”. Isso destaca a importância de não romantizar o trabalho da Sociedade, eles fazem o que precisa ser feito para sobreviverem e isto só é necessário ainda hoje por um descaso do estado.

Os atravessamentos das instituições supralocais: a Escola/ Estado.

Percebo que existe um esforço de integração da escola municipal local, uma tentativa de circular pelo território assim como a preocupação em se colocar de portas abertas para iniciativas de dentro do território e de fora. Atualmente a escola recebe pesquisadores da UERJ e UNIRIO tratando sobre assuntos relacionados ao meio ambiente. Também são frequentes as atividades da Folia Mirim, visto que existe uma preocupação em valorizar a cultura local e mantê-la viva na rotina das crianças. Na segunda vez que estive com as professoras e funcionárias da escola foi em uma caminhada pela Formiga, guiada pelos líderes da Folia Mirim, apresentando os principais pontos do território e seus próprios espaços afetivos, como o campo de futebol e a pedra com vista panorâmica para a cidade.

Ocorreu na época uma reunião na escola com uma representante da Secretaria de Educação, a direção da escola, um representante da comunidade e pesquisadores das universidades sobre projetos de hortas em escolas municipais. Foi possível notar como a servidora da Secretaria de Educação, que visitava a escola pela primeira vez, era a pessoa com mais dificuldade de ouvir e muito preocupada em trazer soluções de fora. É curioso porque a reclamação de falta de atendimento do estado à Formiga não se trata de receber soluções prontas, pelo contrário, trata-se da escuta para promoção de soluções efetivas.

Ao circular pela Formiga também percebo que a UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) e o tráfico são instituições supralocais com muitos atravessamentos e bastante impacto no território.

Como fazer uma dissertação com coautoria dos moradores da Formiga?

A inquietação foi constante sobre como construir um processo de pesquisa que fosse realmente colaborativo. O processo passou por identificar as pessoas que poderiam ter interesse nessa construção conjunta. Também foi necessário me colocar por inteiro, com participação verdadeira e ativa, deixando espaço para os sentimentos que precisam existir para o movimento conjunto. E isso permitiu perceber logo no início da pesquisa que o produto final deste trabalho seria construído por muitas vozes.

A convivência com os moradores do Morro da Formiga através da circulação nos marcos de mobilização comunitária permitiu traçar uma narrativa de composição de uma perspectiva sobre os sentidos de comunidade anunciados. É um processo afetivo de gratidão pela oportunidade de poder acompanhar e elaborar isto junto aos moradores, amigos e generosos companheiros de jornada.

A organização de como esse processo é sistematicamente apresentado fica confusa porque os tópicos se separam por um compromisso didático-acadêmico, mas estão em co-posição sendo, simples e complexamente, a vivência na Formiga. Então todo este relato é teoria, metodologia e “campo” que poderiam ser expressos em texto único ou em uma conversa amistosa. Este texto é uma contação coletiva do que foi vivido no período de um ano no Morro da Formiga e que interessa ser contado.

5.3.2 Os sentidos da comunidade, os sentidos do Morro da Formiga

O processo de apresentação dos sentidos de comunidade do Morro da Formiga aconteceu conforme eu também me apresentava nos espaços pelos quais circulei. Enquanto víamos juntos caminhos para que a construção desta dissertação fosse sensível, os moradores da Formiga foram apresentando seus sentidos de comunidade em uma narrativa construída através da rotina e da memória. Assim como propõe Costa (2008) sobre as memórias de bairro, esta narrativa não é linear e tão pouco uníssona. A narrativa produzida possui espaço para as contradições e divergências. As fotografias também fizeram parte dos registros de campo e compõem a presente narrativa. A imagem tem a potência de narrar por si só, mas aqui ela aparece compondo o texto. Um recurso propositalmente escolhido para esta narrativa do que foi vivido.

O produto dessa dissertação foi encomendado para ressaltar como os moradores da Formiga querem que o Morro seja reconhecido. Vitor, membro da Sociedade de Água, sugeriu: “Eu quero que você diga por aí que aqui é um lugar que abraça”. Também ressaltaram, como comentado anteriormente, que as notícias veiculadas sobre o Morro da Formiga e outras favelas anunciam as “coisas ruins” e dificilmente falam sobre os aspectos positivos. Então fomos transitando por essa Formiga potente e fui abraçada junto com outros aliados em ação. Estávamos todos em movimento, os moradores vivendo suas atividades rotineiras e propondo criativamente outras ações que poderiam ser realizadas em prol da Formiga. Nós, não moradores e aliados, fomos convidados a integrar nossos saberes na realização de projetos.

O constante movimento da Formiga é necessário acontecer porque seus moradores não descansam. Além de trabalhar para garantir o sustento da família, também precisam criar formas de acesso a serviços que são direito da população e não recebem. Existe também a preocupação constante com o que é passado aos mais jovens, justamente por notarem o descaso do estado que os expõem a situações de violência. E para que aumentem seu campo de visão, projetos e ações são elaboradas a todo momento. Certamente não são todos os moradores que possuem esta perspectiva e conseguem envolver-se nestas iniciativas, mas as pessoas que eu conheci seguiam tentando.

Em uma das ruas de acesso ao Morro da Formiga, no trecho onde ficam os pontos de Kombi e moto-táxi, existe no muro um mosaico que diz “gentileza mora na Formiga”, em referência ao trabalho do Profeta Gentileza, artista urbano conhecido na cidade do Rio de Janeiro pela frase “gentileza gera gentileza”. Foi possível notar que o Morro da Formiga se abraça para seguir em frente.



Figura 8. Mosaico no muro na rua de entrada do Morro da Formiga.

A Folia de Reis foi a característica da Formiga mais marcada e que em todos os espaços pelos quais circulei os moradores fizeram questão de comentar sua importância. E a construção coletiva da Folia de Reis é inerente a esta manifestação cultural tradicional no Morro da Formiga. É o conjunto de moradores da Formiga que mantém a tradição da Folia viva, como ressalta Sérgio no trecho a seguir retirado da narrativa completa no item 5.2.2 deste trabalho:

A Folia de Reis existe por ajuda de pessoas abnegadas, pessoas que tem uma sensibilidade diferenciada e ajudam enquanto indivíduos a gente suprir necessidades básicas da Folia de Reis. Uma coisa bem simples mas, por incrível que pareça, são coisas bem simples mas que a gente nunca teve uma ajuda por parte do Estado, a nível municipal, federal, estadual, etc. É vestuário, instrumento e a locomoção. A gente tem parceiros, que a gente conseguiu nesses 3, 4 anos de trabalho, que nos ajudam. Aí a gente faz uma coisa de pedir uma ajuda, passar uma sacolinha, quando nós temos as demandas. A gente toca a coisa muito dessa forma. Mas, por exemplo, não tem uma ajuda a nível de Estado para manter essa tradição. Sempre foi assim, sempre sobreviveu assim, mais de 70 anos que ela existe no território. A Folia de Reis sempre sobreviveu com as pessoas tirando daquilo que por muitas vezes nem tem para dar, meio que desfalcando uma coisa no seu orçamento familiar, que é super apertado, para investir na Folia de Reis e manter viva essa tradição. (Sérgio).



Figura 9. Na sede da Folia Mirim, instrumentos de percussão da Folia de Reis mantidos pelos moradores.

A existência da Folia de Reis é financiada pelos moradores e é um movimento cultural feito pelo e para o próprio Morro da Formiga. A organização da Sociedade de Água Boa Vista também é baseada na participação coletiva e de vizinhança, o que faz o sistema funcionar até hoje. Anualmente os membros da Sociedade unem-

se com suas ferramentas para realizar a manutenção do sistema. Em uma manhã de domingo se dividem entre as tarefas necessárias para realizar o trabalho de limpeza, cuidando do caminho, das duas grandes caixas d'água e da queda d'água na grota que abastece o sistema. Na manutenção que ocorreu em outubro do ano de 2019 também tinham bolo e café para serem compartilhados. É uma manhã de trabalho conjunto em prol do atendimento às suas famílias e vizinhança, com organização e alegria. As relações coletivas de vizinhança compõem os sentidos de comunidade que são formados com naturalidade no cotidiano.



Figura 10. Trabalho coletivo na manutenção do sistema da Sociedade de Água Boa Vista.

A narrativa da trajetória do Morro da Formiga comumente traz de alguma forma a coletividade expressa nas relações de vizinhança estabelecidas. A pavimentação e escadaria do Morro são bons exemplos de trabalho coletivo em prol do bem comum. Na época, a Associação de Moradores conseguiu levantar fundos para suprir os materiais, mas a mão de obra foi dos moradores. O recente Espaço Formiga Verde também foi gerado através das contribuições coletivas e das relações de amizade. O projeto começou com um grupo de pessoas se organizando

e recebendo apoio dos moradores que cuidavam do espaço anteriormente. Conforme as necessidades surgiam, amigos e vizinhos que possuíam experiência na área foram chamados para contribuir. Aos poucos o espaço ganhou a força da rede construída com as várias pessoas envolvidas.



Figura 11. Moradores da Formiga cuidando do Espaço Formiga Verde em 2019.

Outro aspecto relacionado às amizades do Morro da Formiga também foi bastante ressaltado. Os moradores salientam que “as pessoas que vem de fora e são bem intencionadas serão sempre bem vindas” (Sérgio). O seu Antônio conta em sua narrativa que em 1985, através de um processo de insistência da Associação de Moradores, a CEDAE finalmente chegou ao Morro. Enviaram funcionários para realização das obras de instalação do sistema de tratamento e distribuição de água, e sua esposa fazia almoço para os funcionários que trabalhavam na obra. Existia a preocupação de que fossem bem recebidos para a realização do trabalho que beneficiava a Formiga. Como pessoa de fora que esteve na Formiga, posso testemunhar que fui bem recebida em todos os espaços pelos quais circulei. Existe um movimento expressivo da universidade dentro do Morro da Formiga, com

projetos de extensão da UERJ e UNIRIO, eu enquanto pós-graduanda da UFRJ e nós somos bem tratados e valorizados em nosso trabalho.

Em agradecimento ao que foi vivido junto à Sociedade de Água Boa Vista, o morador da Formiga Carlos D. e eu montamos um álbum com fotografias do processo de manutenção do sistema para presenteá-los. O álbum foi entregue em dezembro de 2019, durante a confraternização de final de ano da sociedade de água e repercutiu positivamente entre os membros. Olhar para as fotos do processo gerou comentários de reconhecimento e valorização do que fazem. Seu Antônio foi escolhido para guardar o álbum que continha imagens das quais algumas foram selecionadas a seguir.



Figura 12. Membros reunidos ao final da manutenção do sistema da Sociedade de Água Boa Vista. Foto Carlos D.



Figura 13. Manutenção do sistema da Sociedade de Água Boa Vista. Foto: Carlos D.



Figura 14. Manutenção do sistema da Sociedade de Água Boa Vista. Foto: Carlos D.



Figura 15. Registro da visita à nascente. Foto: Carlos D.

Todas essas imagens são do dia de manutenção do sistema da sociedade de água e feitas pelo fotógrafo Carlos D. Elas agora compõem um álbum de memórias da Sociedade de Água Boa Vista ao qual também foi solicitado que eu anexe a versão final da dissertação.

Seguindo as reflexões sobre os sentidos de comunidade do Morro da Formiga, as memórias que foram evocadas acerca de moradores antigos como a dona Nilza, homenageada com o atual nome da unidade de saúde local, manifestaram os desejos comuns de melhorias qualidade de vida da Formiga. Dona Nilza é lembrada como uma liderança comunitária muito ativa, articuladora e presente nas atividades que aconteciam no Morro. A Associação de Moradores, até a época que dona Nilza ainda estava viva, pelo menos, era um espaço de organização do trabalho coletivo para realizações na Formiga.

No início de 2019 os moradores se organizaram para limpar um espaço conhecido como Ferro Velho. Chamaram a Companhia Municipal de Limpeza Urbana – COMLURB, que enviou um caminhão para retirada do material. Como não foi o suficiente, os moradores se organizaram para todos os dias no início da manhã encher uma Kombi que foi descendo com os resíduos aos poucos. É comum na Formiga as histórias estarem acompanhadas de articulação entre os moradores para a resolução de necessidades coletivas.

Com os deslizamentos de 1988 que aconteceram na época de fortes chuvas no Rio de Janeiro, o Morro da Formiga foi intensamente atingido. Os moradores contam que uma pedra grande rolou destruindo muitas casas e causando mortes e que eles fizeram as buscas pelos corpos de seus amigos e familiares. Experiências altamente impactantes e que geraram muitas marcas na constituição de grupos na

Formiga. Futuramente a Prefeitura criou o Mutirão de Reflorestamento para arborizar a região e diminuir os deslizamentos, trabalho realizado com a participação dos moradores, que com engajamento ressaltam sua importância. Seu Antonio marca bastante essa característica da Formiga de trabalho conjunto em prol da comunidade, ele já trabalhou como encarregado do Mutirão de Reflorestamento e conta que os moradores trabalharam juntos na construção da escadaria para que o caminho de cimento chegasse até a casa mais alta. Hoje, anos após os deslizamentos, as famílias já foram há muito tempo realocadas em outros bairros e as casas que ficavam nas partes mais altas não existem mais, restando a fundação e alguns azulejos de uma construção ou outra. A escadaria construída pelos moradores, a partir de certo ponto, tornou-se acesso para a mata fechada promovida pelo trabalho do Mutirão de Reflorestamento e também para as caixas d'água das sociedades de água.



Figura 16. O morador e atual encarregado pelo Mutirão de Reflorestamento levou as professoras da Escola Municipal Jornalista Brito Broca para ver a área na qual estavam plantando mudas de árvores da Mata Atlântica em 2018.

Além da constante necessidade do trabalho coletivo e pelos próprios meios para se organizarem, alguns outros funcionamentos estão internalizados na rotina criando uma cultura. Como, por exemplo, a atenção a quem sobe o Morro carregando peso. Um dia, ao chegar ao Espaço Formiga Verde, encontrei o Sérgio descendo a rua, na esquina da ladeira onde fica o portão de entrada. Sérgio estava carregando alguns galões com óleo usado (doação de uma lanchonete para a oficina de sabão que aconteceria naquela semana no Espaço Formiga Verde). Ajudei a apoiá-los no chão e o Sérgio entrou na UPP para avisar que trabalharíamos na horta. Nesse tempo descem a estreita ladeira que dá acesso à horta duas crianças com menos de 8 anos, uma em uma bicicleta e outra com uma espécie de carrinho, ambas na velocidade máxima que os brinquedos permitiam, mas preocupadas em conferir se não esbarrariam em mim. Quando chegam à base da ladeira, no encontro com a rua principal da Formiga, um deles volta subindo até próximo de onde estou e pergunta: “quer ajuda pra subir com as bolsas, tia?”. Agradei e expliquei que ficaria ali na horta mesmo. Eles retomaram a brincadeira e o Sérgio apareceu para abrir o portão do Espaço. Além da gentileza agradável de receber, trouxe a reflexão sobre uma criança, no meio da brincadeira, observar ao seu redor e partir da compreensão de que carregar coisas morro a cima é uma tarefa para a qual se oferece ajuda.

Em uma conversa com Seu Antônio, ao contar a situação acerca dos meninos que ofereceram ajuda, ele confirmou que existe uma preocupação de uns moradores com os outros em relação à subida e que isso era ainda mais acentuado quando o caminho para subir era por chão de barro. E em seguida contou que os tijolos que usou para construir sua casa foram entregues pela loja e armazenados em sua calçada. Ele colocou os tijolos para dentro do seu terreno com alguns meninos da vizinhança que durante a obra, no início da manhã, se ofereciam para carregar peso em troca de algum dinheiro e completou “era bom para eles e bom para mim”. É curioso observar como sutilmente ele acrescentou outra(s) perspectiva(s) ao meu olhar. E me convidou a perceber que uma perspectiva nunca é o suficiente e nesse contexto em cada necessidade existe um conjunto de outras necessidades para serem atendidas.

Os sentidos de comunidade apareceram nestas relações cotidianas que tem sua constituição baseada no presente vivido e nas memórias de bairro do Morro da Formiga. Como propõe Costa e Castro-Silva (2015) “os sentidos de comunidade são

mobilizados no e pelo coletivo, impulsionando a participação social em torno da construção de identidades que se transformam conforme os diferentes contextos sócio-históricos”. As relações de amizade e vizinhança, as necessidades coletivas e desejos comuns formam as identidades e o sentimento de pertença e importância mútua entre os moradores.

5.3.3 Ocupações Urbanas

A circulação cultural urbana, o direito à cidade, estabelecer moradia nos centros e poder vive-los. A Folia de Reis é uma tradição de mais de 70 anos no Morro da Formiga e seus líderes relatam que são pouco conhecidos na região da Tijuca. A Ocupação Cultural Urbana da Folia de Reis fica restrita na região da Tijuca ao Morro da Formiga e outros Morros, como Borel e Turano, por mais que exista o desejo da comunidade em transitar por outros espaços.

Inicialmente com uma compreensão limitada, entendia ocupações urbanas apenas como “ocupação do espaço para iniciar morada”; agora percebo que ao falar dos “sentidos de comunidade nas ocupações urbanas” o assunto é longo e complexo. Estou falando sobre como homens negros e mulheres negras circulam pela cidade e a vivem. A Folia de Reis poderia ser uma ocupação urbana em si, pensando “qual urbano” ela ocupa, por onde circula. A Folia de Reis é presente nas favelas cariocas e circula pelas periferias e pela Baixada Fluminense. Assim como sugere Sérgio em sua narrativa, salientando que existem orgulho e potência nas Folias de Reis para ter uma visibilidade semelhante às Escolas de Samba no Rio de Janeiro. Reconhecendo também que a Escola de Samba Império da Tijuca, entre outras, apenas usando o exemplo do Morro da Formiga, promove uma ocupação urbana no cenário cultural carioca.

É por este motivo, e tomando como base o alargamento da compreensão de ocupações urbanas que incluem, mas não se limitam a ocupações culturais pontuais ou a ocupações urbanas de moradias negligenciadas, que o conceito de interculturalidade crítica (Walsh, 2009) parece fazer sentido nesse trabalho. As ocupações urbanas são resistências socioculturais.

As ocupações urbanas também são a criação de espaços seguros para existir. Por mais que pareça controverso diante de tamanha violência do estado em favelas no Rio de Janeiro, é comum ouvir no Morro da Formiga “eu me sinto bem

aqui, não tenho vontade de sair daqui”. As ocupações urbanas são um espaço de existir resistindo para pessoas que não tem descanso e precisam defender suas vidas diariamente.

É preciso, entretanto, lembrar que a formação das identidades territoriais não se constitui apenas como movimento de resistência aos movimentos externamente impostos, mas principalmente como recurso de produção de significado das relações e eventos cotidianos do território. (Costa e Mendes, 2014, p. 23).

O Morro da Formiga a partir dos sentidos de comunidade que compõem suas identidades ressalta a criatividade da existência na construção coletiva. O dia do Festival de Pipas, que acontece em um domingo de dezembro, movimenta muitos moradores olhando para o céu e brincando juntos. O azar de ter sua pipa cortada e a sorte de receber no telhado uma pipa avoadada são beleza e sorriso compartilhado. Assim como a elaboração das fantasias da Folia de Reis, que enfeitam o Palhaço tão temido e tão esperado na madrugada de Natal.



Figura 17. Palhaços da Folia de Reis na quadra do Morro da Formiga em noite de festa. Foto: Carlos D.

O Morro da Formiga parece ser identificado como ele mesmo, assim como se nomeiam bairros e faz sentido ser assim por suas peculiaridades que estimulam minha admiração e choro. O Morro da Formiga é único. Mas ao longo do processo

de aproximação estiveram presentes questões quanto às nomeações “comunidade”, “território” e “favela”. Seu Antônio fez questão de ressaltar que paga IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano). Durante nossas conversas ele usou algumas vezes a palavra “comunidade”, mas parecia ser para alinhar o discurso ao meu. Sérgio, uns meses atrás, usava a expressão “território” para se referir ao Morro da Formiga e em conversas recentes conta que suas reflexões o fazem hoje a chamar de “favela”. Explica que é uma apropriação do termo “favela” acrescentando orgulho ao que construíram.

As ocupações urbanas são espaços contra coloniais e contra hegemônicos na cidade. Em muitas favelas é exercida uma forma de poder outra. Políticas higienistas tentam apagar esses espaços que são fundados em teias de solidariedade e se colocam fortes. Sérgio, por exemplo, repete sempre às pessoas de fora que chegam com propostas para o Morro da Formiga: “se você veio para derrubar, será colocado para fora, se veio para contribuir, será acolhido”. Os aliados são bem vindos, mas serão ajustados, colocados a ouvir suas funções e em que são úteis. Porque quem sabe o que “derruba” e o que contribui são os moradores.

Um adendo é importante para salientar que o tráfico de drogas está presente no Morro da Formiga e exerce grande influência no funcionamento local. Por questões de segurança, neste trabalho vou reconhecer a presença e impacto do tráfico na vida e construção dos sentidos de comunidade do Morro da Formiga, mas não irei elaborar mais relatos acerca deste tema.

As favelas são locais em constante disputa. Os discursos acerca das favelas estão geralmente em função dessa disputa, por isso é importante um trabalho como este servir de ocupação a serviço da Formiga pelos seus moradores. O espaço onde acontece o projeto Formiga Verde tem uma história que ilustra as disputas e as ocupações urbanas. Antigamente neste espaço existia uma rampa de skate, uma espécie de praça, na época de implantação das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) o local foi escolhido para receber a estrutura física da UPP. Porém a área é maior do que as instalações da UPP, sobrando terreno nos fundos, com entrada independente e também uma passagem através da UPP. Esta área verde é usada tanto pelos moradores quanto pelos policiais militares. A horta do Espaço Formiga Verde é no Morro da Formiga, ao lado da UPP e não dentro dela. Seu espaço está em disputa sutil diária, sua importância é ocupação urbana.

5.3.4 Resistências socioculturais: cinza é adubo

No final do mês de abril de 2019 aconteceu um incêndio no Espaço Formiga Verde, não sabemos a causa inicial. O fogo queimou parte das plantas e principalmente a caixa d'água. Um dos jovens da Folia Mirim, Lauro⁵, o que mais estava envolvido com o projeto, viu o incêndio e, decepcionado, nos avisou. Diante do desânimo de Lauro um parceiro do projeto e morador do Morro do Salgueiro nos disse “vamos fazer desse limão uma limonada. Cinza é um ótimo adubo, podemos ensacar um tanto desse material”. A capacidade de seguir mesmo com dificuldades no caminho, eu entendia como resistência, mas aprendi que são saberes da existência, é uma re-existência.



Figura 18. Couve do Espaço Formiga Verde que virou símbolo de “aguentar firme”. Essa couve foi plantada em 2017, sobreviveu a épocas sem rega, ao incêndio e segue firme trazendo novas folhas que são colhidas e consumidas pela vizinhança.

⁵ Nome fictício.

A identificação de tudo que os moradores da Formiga fazem como resistência é uma leitura a partir da minha perspectiva externa. Percebi que assumir como “resposta” tudo que é vivido pelo morador de favela reduz vidas que são “proposta”, “pergunta”, “criação”, “afeto”, “potência”, enfim, existência.

O único lugar na Formiga no qual ouvi a expressão resistência sociocultural foi na Folia Mirim. Li em um cartaz produzido na época na qual receberam apoio de um edital de financiamento uma frase que dizia “a Folia Mirim é um movimento de resistência sociocultural”. Também ouvi de seus líderes que o que passam no dia-a-dia no Morro, as violências, as ausências, são por irresponsabilidade e projeto do estado privando os moradores de direitos básicos. Ao conhecer a Sociedade de Água eu tinha certeza de que ouviria sobre resistência, mas não ouvi, e notei que o que fazem é simplesmente a vida cotidiana. O termo resistência possivelmente tem mais sentido na academia do que no Morro, mas as experiências diárias contam sobre as lutas. Então, as resistências socioculturais, escolhidas para atenção deste trabalho durante a fase de elaboração teórica do mesmo, precisaram ser expandidas, reconhecendo o que não é nomeado e também as existências e re-existências.

Apreendi que a ideia de resistência sociocultural não é suficiente para descrever as vivências do Morro da Formiga. A contra colonização proposta por Bispo dos Santos (2019) agrega uma compreensão mais abrangente para tamanha complexidade. Sem excluir as resistências, lutas e guerras constantes, pois contra colonização trata-se de um enfrentamento à colonização. Complementarmente, a ideia de re-existência também colabora para a compreensão do contexto, propondo descentralizar o olhar a partir da lógica hegemônica em busca da profundidade das diferentes culturas (Achinte, 2013).

A diretora da E.M. Jornalista Brito Broca conta que em 2005 houve uma proposta da Prefeitura de fechar a escola, transferindo as crianças para outras escolas de Ensino Fundamental I na região da Tijuca. As famílias então se organizaram e não permitiram que a escola fosse fechada. A importância da continuidade da escola no Morro não é apenas a conveniência da proximidade, mas a existência de uma instituição de ensino com seu Projeto Político Pedagógico comprometido com os valores e cultura do Morro da Formiga. A presença da Folia Mirim na rotina da escola faz parte do compromisso de ambas as partes com as tradições da Formiga. Todas as crianças da Formiga em idade compatível

atualmente estudam na E.M. Brito Broca, manter a escola a serviço da favela pode ser considerado um movimento de contra colonização.

A Sociedade de Água que se mantém com encontros nos segundos domingos do mês desde 1950, é outra forma de estabelecimento da vida na cidade. Ela é a cultura de cuidados com a floresta e distribuição dos recursos naturais por outra lógica que não a hegemônica. A re-existência que aparece na invenção da vida diante da realidade imposta.

No dia 04 de julho de 2019 ocorreu uma operação policial no Morro da Formiga iniciada por volta das seis horas da manhã com troca de tiros entre a polícia militar e o tráfico de drogas. Em conversas via aplicativo *Whatsapp* de mensagens instantâneas, recebi as seguintes mensagens:

Conversa via *whatsapp* no grupo de parceiros da E.M. Jornalista Brito Broca:

7h50 - Escola

“Bom dia, operação policial no morro. Não iremos abrir. :(”

7h55 – Sérgio

“Bom dia na medida do possível. (*emoji* de raiva). Mais tiros menos aulas, potencializando-se a violência. O Estado fazendo o de sempre... Estamos por conta própria como sempre.”

8h53 - Sérgio

“(*emoji* de raiva) Um absoluto absurdo essa política de investir fortunas em aparatos repressivos. Gastando com soldados, armas, munições, veículos, etc... Milhões que fariam uma real e revolucionária transformação se fossem investidos em educação, cultura, esporte e lazer. Mas o projeto do Estado não é esse...”

Algumas horas depois, conversa de *whatsapp* privada entre Aurea e Sérgio:

12h13 - Sérgio

“Boa tarde, Aurea. Tudo bem? Queria ver se pode me pôr em contato com algum estudante bacana da UFRJ da parte de Educação Física. Pretendo ver se articulo algum tipo de parceria para fazer um trabalho socioesportivo aqui na nossa quadra.”

A continuidade dessa iniciativa por um trabalho socioesportivo, Sérgio conta na sua narrativa quando fala da professora de Educação Física da UERJ que está elaborando um projeto. A imposição do medo e a ameaça à vida são constantes, a luta é diária. Mas, sozinhos, por conta própria, os moradores de favelas estabelecem redes e criam os caminhos para estruturar suas vidas. O trabalho socioesportivo pode ser um plano para o futuro, mas no Morro da Formiga já funcionam tantos outros modos de re-existência que são possíveis através conexão com a existência. Os saberes passados entre gerações compõem essas existências. O Morro da Formiga tem tradição em existir.

5.3.5 Saberes da natureza

Os saberes da natureza foram minha pré-conexão temática ao Morro da Formiga. Em 2014 eu estudava Educação Ambiental e estava insatisfeita com algumas limitações da área. Em busca de uma Educação Ambiental com mais sentido encontrei os pesquisadores da UNIRIO que atuavam com Educação Ambiental de Base Comunitária na Formiga. Através das investigações na área ambiental, em busca dos saberes da natureza, conheci a complexidade que a Formiga é. Para o meu olhar externo à Formiga, parece óbvio que os moradores os quais me aproximei possuem saberes da natureza e dominam formas de sustentar a própria vida através deles. Mas ouvindo os moradores, eles não se colocam nesse lugar de conhecimento, eles se colocam muito dispostos a aprender sobre tudo relacionado à natureza. Observar esse afastamento em relação à natureza permitiu questionar o que estávamos entendendo por natureza, tanto eu, quanto eles.

Além do que foi apresentado até agora, em muitos momentos os moradores falaram sobre sua relação com a terra. Ao longo do Rio Cascata - principal rio da Formiga, com nascente no Parque Nacional da Tijuca, atravessando todo o Morro e fornecendo água para Sociedade - é possível encontrar diversas espécies alimentícias como tomates, taioba e ervas. Os moradores comentam que tem em casa algumas ervas plantadas que usam para cozinhar. Caminhando com Seu Antônio pela Formiga ele identificou algumas espécies e colheu as que interessavam para fazer chá. Também são comuns pela Formiga as árvores frutíferas, principalmente a Pitangueira, das quais os moradores pegam a fruta e seguem caminho.

Ao observar o cotidiano podemos pensar que talvez os saberes da natureza estejam tão naturalizados que não surgem como um tema. Muitas lutas do Morro da Formiga passaram por lidar com peculiaridades naturais, tais como a canalização da água das nascentes do Parque Nacional da Tijuca e a solução para o capim colônio no Morro, que apresentou problemas na forma de incêndios e deslizamentos. A Formiga lidou com essas questões e até hoje funcionam a Sociedade de Água e o Mutirão de Reflorestamento, por exemplo.

A ancestralidade evoca saberes da natureza pela defesa da própria vida. Algumas famílias possuem o costume de cultivar ervas e outras plantas alimentícias em casa e estes são costumes passados pelos mais velhos. Em uma atividade

promovida pela equipe envolvida com o Espaço Formiga Verde junto às crianças do quinto ano do ensino fundamental da Escola Municipal Jornalista Brito Broca, as crianças manifestaram conhecimento sobre o plantio de sementes e as espécies. Contaram sobre as espécies que tinham em casa e os cuidados ensinados por seus familiares. As construções coletivas para manutenção da vida no Morro da Formiga também pareceram saberes comuns transmitidos por gerações.



Figura 19. Atividade de plantio guiada pelos moradores com as crianças da Escola Municipal Jornalista Brito Broca no Espaço Formiga Verde. Foto: Carlos D.

O Espaço Formiga Verde funciona, praticamente, como um lugar que reúne as pessoas para troca de saberes. São os moradores mais velhos que estão ensinando o que é necessário para cultivar alimentos no espaço disponível e isso acontece em encontros abertos para todos os interessados. Quando o projeto propõe a produção de comida na favela, é porque os moradores sabem o potencial de seu solo fértil e a necessidade do alimento disponível. Em diversas fases do processo estiveram moradores diferentes contribuindo com o seu saber. Como o espaço estava desativado há algum tempo, no início foram necessárias podas nas árvores para limpar a área, nesse momento participaram moradores componentes do Mutirão de Reflorestamento. Eles ofereceram suas ferramentas, além da habilidade de poda em árvores altas. Alguns meses depois o solo começou a ser preparado para o plantio e um morador antigo, que trabalha com jardinagem e

paisagismo, explicou a melhor forma de cultivar naquele espaço, em um encontro cuidadoso no qual compartilhou sua experiência de trabalho neste local.

Além das iniciativas diretamente promovidas pelos moradores, também aconteceram encontros com pessoas de fora da Formiga. Uma agricultora ofereceu uma oficina de produção de sabão através da reutilização de óleo usado. Esta oficina mobilizou os moradores para juntarem óleo e garrafas PET, e foi um dos primeiros encontros mais movimentados no Espaço. O desenvolvimento do Espaço Formiga Verde sempre esteve muito próximo da escola, com o objetivo que as crianças se apropriem do local. Uma professora da E. M. Jornalista Brito Broca, que possuía alguma experiência em plantio de sementes, começou a produzir mudas com as crianças para plantarem futuramente. Ela convidou o grupo que promove as atividades no Espaço Formiga Verde para realizar uma oficina de plantio de sementes em sementeiras de caixas de ovos com seus alunos. Após esse encontro as crianças acompanharam o desenvolvimento das mudas até chegarem ao tamanho suficiente para plantio. Quando as crianças junto com a professora perceberam que as mudas estavam em condições de serem transplantadas, levaram as mudas para o Espaço Formiga Verde. Foi uma atividade importante na qual foi possível notar a intimidade com o tema e interesse das crianças em explorar o espaço.

Assim como trabalho presencial constante, o Espaço também precisa de recursos materiais para prosseguir. Sem a caixa d'água o Espaço ficou sem local para armazenar água para regar as plantas, o que inviabilizava o trabalho. A equipe que está à frente da organização do espaço se reuniu e elaborou uma campanha de financiamento coletivo via *internet*. A arrecadação de recursos financeiros visou comprar ferramentas para a horta e demais insumos. Esse processo foi gerido por dois moradores mais jovens, universitários e com intimidade em ferramentas de *internet*. A logomarca do Espaço foi elaborada por outro morador com habilidades em *design* gráfico após várias reuniões sobre expectativas. Isso tudo além dos parceiros externos que também contribuíram. Ou seja, uma constelação de saberes compõe o Espaço Formiga Verde e, conseqüentemente, o Morro da Formiga.

A potência de construção de um projeto como este é imensa. É animador notar que ainda hoje relações coletivas produzem tanto em prol do bem comum. A participação dos moradores fortalece a Formiga. Bispo dos Santos (2019) escreve sobre essa força:

Os colonizadores sentiam-se, [...], ameaçados pela força e sabedoria da cosmovisão politeísta na elaboração dos saberes que organizam as diversas formas de vida e resistência dessas comunidades, expressas na sua relação com os elementos da natureza que fortalece essas populações no embate contra a colonização. (Bispo dos Santos, 2019, p.49).

Diante do que propõe Bispo dos Santos, percebemos que a forma como o Morro da Formiga naturalmente se organiza incorpora os saberes da natureza. E também podemos notar que os saberes da natureza protegem os povos contra colonizadores e os povos contra colonizadores protegem os saberes da natureza. Se somos natureza, os saberes compartilhados na Formiga são os saberes da existência. Ao conversar com seu Antônio sobre a transformação do meu olhar ao longo do processo de aproximação com a Formiga ele diz “que bom que você percebeu que é tudo uma coisa só”. Toda a sabedoria descrita neste trabalho remete ao que podemos chamar de saberes da vida.

Ao longo de toda a intensa vivência no Morro da Formiga eu pude contar com a paciente conversa dos moradores que me ajudavam a entender seus “corres” diários para se defender e para transformar a realidade que lhes foi imposta. A leitura da Formiga foi naturalmente diferente na comparação entre gerações. Seu Antônio apresentou mais passividade ao tratar as iniciativas coletivas dos moradores da Formiga como algo natural, porém cuidadosamente acrescentando elementos outros para ampliar a minha compreensão. Já Sérgio também promove muitas atividades coletivas na Formiga, mas com a preocupação de ressaltar que as dificuldades vividas diariamente pelos moradores não são normais, são aberrações ligadas a gestões governamentais racistas.

É interessante observar como ambos reconhecem uma potência mal aproveitada na universidade e, assim como outros moradores, buscam entender e explicar como poderíamos ser úteis agindo de fato com objetivos resolutivos. Ao mesmo tempo reforçam a importância de se protegerem guardando algumas informações ou pedindo para que não sejam divulgadas.

Os grupos os quais acompanhei se caracterizam por muito movimento. São pessoas envolvidas em mais de uma demanda da vizinhança, que estão pensando o desenvolvimento local e observando as transformações no Morro da Formiga através do tempo. Uma leitura de conjuntura política no Brasil também motivou muitas das ações e talvez por isso tantas coisas acontecendo no Morro ao mesmo tempo. A sensação de urgência é constante e isso não interfere na sabedoria sobre

o início, meio e fim dos processos. Percebi como as celebrações das conquistas motivam a continuidade e chamam mais pessoas para junto.

O Morro da Formiga cuida como pode das experiências vividas pelos seus, apostando que o futuro possa ser diferente. A preocupação com o hoje está bastante relacionada ao que a história ensinou sobre os impactos das marcas no futuro. Eu vi o quanto é doação dos moradores por amor e sobrevivência e o quanto é cansativo estar sempre em movimento. Ouvimos suas histórias que nos encorajam a gritar basta! e não a seguir em exploração dessas vidas. Por isso o responsável compromisso em honrar com essa produção acadêmica compartilhada.

Ao longo do processo foi interessante observar como eu cheguei à Formiga em busca de uma relação dicotômica entre os moradores e a natureza, estava curiosa para descobrir como eles interagem com a natureza e como isso poderia contribuir para pensar uma educação ambiental significativa. A partir de uma visão acadêmica, esta seria a leitura sobre como acontecia a integração de corpos separados, ser humano, morador da formiga, e a natureza. Ao circular pela Formiga percebo sua vida acontecendo e isso se dá de forma unida à natureza. Ao conferir com os moradores como viam essa relação, reforçamos juntos uma ideia de separação, na qual eu via uma integração e não um uníssono e os moradores marcavam o desejo de aprender com essa natureza. Com a convivência passo a perceber que os moradores da Formiga e natureza são uma coisa só, assim como ser humano e natureza são algo único.

Eu fui resistente a perceber este funcionamento no contexto urbano, mas a relação ser-natureza foi apresentada o tempo inteiro pelo Morro da Formiga. É interessante notar que mesmo desde o início interessada em observar as relações com a natureza, o funcionamento simples da vida, como um único campo, tenha sido tão difícil de ver por estar com o pensamento compartimentado. No Morro da Formiga os saberes da natureza são os saberes do cotidiano, saberes sobre nós mesmos, com uma fronteira difusa entre ser humano e natureza. Talvez por isso a dificuldade dos moradores em também reconhecer sua proximidade com a natureza, porque estão tão juntos que é simplesmente a vida.

Possivelmente eu estranhei e achei contraditório os moradores não perceberem sua relação íntima com a natureza por que eu estava em busca de uma relação de fenômenos separados. Com um deslocamento de olhar parece óbvio que eles não reconhecem essa relação porque é só a vida, não é o que eu estou

chamando de natureza, ou o senso comum de natureza. Com a natureza do senso comum talvez se sintam separados, mas no cotidiano a vivência é de algo único e, nesse caso, a minha busca acerca da relação com a natureza sequer faz sentido. O meu olhar começou com a pergunta errada.

Também é interessante observar a importância que o Projeto Mutirão de Reflorestamento possui para a preservação dos meios naturais e para a manutenção da vida da Formiga. As árvores protegem as nascentes que fornecem água, assim como fortificam o solo e protegem as casas de novos deslizamentos. E nesse caso a natureza e ambiente entram como ator integrante da comunidade porque assim como os moradores cuidam das árvores, as árvores também cuidam da Formiga. Como eles cuidam da nascente e a nascente também cuida deles. O Morro da Formiga é composto então por muitos atores sociais e podemos entender a natureza como parte integrante enquanto ser-natureza e enquanto ator que produz significações nesse território.

As contribuições do olhar sobre o corpo no sentido apontado por Costa e Loureiro (2003) ressaltam que este corpo é importante nele mesmo mas também é o corpo de um sujeito social com representatividade. Quando sua potência é percebida, um verdadeiro ser-natureza emerge suscitando transformações socioambientais a partir de seu posicionamento e cidadania. A Ecologia Social evidencia que as relações com o ambiente natural devem passar por uma compreensão de estrutura social, seus corpos únicos e em conjunto e como participantes de um sistema interligado. O ser-natureza que vive socialmente e sinaliza as incongruências do modelo social vigente com a manutenção da vida.

Diante disso, olhamos para tudo que foi aprendido junto ao Morro da Formiga e percebemos que a vida, o tempo todo, através das Sociedades da Água, da Escola, da Folia de Reis, do Projeto Formiga Verde, entre outros, é a experimentação de ser-natureza enquanto sujeito social. E, conforme propõe Bispo dos Santos (2019), o Morro da Formiga vive através da biointeração.

6 Considerações Finais

No processo de aproximação com o Morro da Formiga estive presente nas reuniões da Sociedade de Água, aprendendo sobre a importância da memória para não banalizar as conquistas e manter a união necessária pelo bem comum; entendi a importância das tradições através da Folia de Reis Mirim; ao acompanhar atividades na Escola Municipal Jornalista Brito Broca notei a potência institucional em ser aliada do território quando o estado está à serviço da população; e, por fim, colaborando com o Espaço Formiga Verde, aprendi sobre a força de realização através das redes. Em todos esses espaços, circulando pela Formiga, aprendi sobre generosidade e trabalho coletivo.

Preocupo-me que este trabalho honre a abertura que recebi, o que vivi e as pessoas com as quais convivi. Esse compromisso é paralisante, pois parece que seria necessário um estudo acadêmico muito mais prolongado para produzir um texto afinado. Não quero “dar voz”, quero assumir o papel de aliada e responsável pelo que minha voz propaga.

Também percebo que tenho dificuldade de explicar que este trabalho não é uma romantização de vidas em constante luta e sim um respeito a essa história. Essas pessoas se tornaram queridas e suas imagens aparecem de forma muito positiva na minha mente ao elaborar o texto. Queria conseguir que não fosse um ânimo imaturo, mas um sorriso que sustenta, retribui e respeita essa jornada.

Com dúvidas sobre se o trabalho produzido seria uma devolução útil, ofereci quem eu sou, ofereci a amizade, o papo tranquilo e meus conhecimentos e habilidades em algumas áreas. Sinto-me sortuda por fazer parte das primeiras conversas sobre o recomeço do Espaço Formiga Verde e acompanhar o projeto crescendo.

Mesmo sabendo que o rigor científico busca replicabilidade, insisto que a qualidade desta pesquisa está no respeito à identidade única do Morro da Formiga e, portanto, me comprometi com a descrição da experiência vivida nos anos 2018 e 2019. Esta pesquisa não se propõe a gerar dados sobre “favelas cariocas” ou determinar modos de vida do Morro da Formiga. Guiado pelos moradores, este trabalho conta como foi a experiência ouvindo e vivenciando dias no Morro da Formiga. E a riqueza é o convite para olharmos com atenção e afeto os espaços que nos propomos a estar, priorizando o que vivemos e não as generalizações

colonizadoras, coisificadoras e desumanizantes como Bispo dos Santos (2019) aponta que aconteceram com os povos pindorâmicos ao serem chamados de “índios”. Bispo indica que destruir as principais bases de valores socioculturais, atacando as identidades individuais e coletivas são estratégias colonizadoras (Bispo, 2019).

Eu olho então para esses dois anos de mestrado, ampliando meu entendimento de mundo junto ao Laboratório Memórias, Territórios e Ocupações: rastros sensíveis (LabMEMS) e para o pouco mais de um ano de “campo” em busca dos “sentidos de comunidade” e percebo que aprendi sobre o sentido da vida conjunta, do grupo, dos atravessamentos eu-outro que nos expomos. Nesse processo eu aprendi a estar disponível para aprender. Eu fui aprender com as pessoas que compõem o Morro da Formiga. Eu fui para ouvir.

Assim, foi possível um retorno para o Morro da Formiga em qualidade de presença, participação e atenção aos afetos. Entregas pontuais também foram planejadas, tais como o álbum com fotografias da manutenção do sistema da sociedade de água e a participação nas atividades rotineiras do Espaço Formiga Verde. Toda esta vivência gerou um intenso compartilhamento de saberes exposto ao longo do presente trabalho.

O texto foi apresentado aos moradores para contar o que foi produzido e ajustar o que estivesse equivocado. Eles agradeceram a forma carinhosa que falei sobre a Formiga e sinalizaram preocupação com a romantização que tira a responsabilidade do estado na garantia de direitos da população. A experiência de retornar com o texto foi importante para que pudesse perceber que existe uma sensível diferença entre o que eu entendi ao longo do processo, o que escrevi e como apresentei. Rer ler o texto realizando os ajustes após o posicionamento da Formiga me possibilitou reconhecer que caí nas armadilhas da leitura de mundo branca acadêmica e perceber que ainda há muito a avançar.

Tenho a impressão de que o tempo sempre pareça insuficiente. Quanto mais co-movida, mais caminhos para reflexões apareciam assim como outras possibilidades de construções conjuntas. Os moradores da Formiga buscam apoios concretos para transformação de suas vidas. Percebo que colaborar com a Escola Municipal Brito Broca na missão que se propõe de valorizar a cultura local seja um importante caminho a ser reforçado. Um trabalho significativo é realizado pela UNIRIO no campo da Educação Ambiental e acredito que ouvir mais da experiência

desses pesquisadores somando outros campos de atuação junto com a experiência dos moradores seria frutífero para a Formiga. O Espaço Formiga Verde precisa de contribuições em presença e visibilidade. Também seriam positivas para as reflexões acerca dos sentidos de comunidade ampliar os espaços de contato. Acredito que a Escola de Samba Império da Tijuca, as outras Folias de Reis, o Festival de Pipas e o projeto de pré-vestibular Brota na Laje sejam grandes parceiros para esta continuidade. O Morro da Formiga tem muito a ensinar e uma rede comprometida tem muito a contribuir.

A favela é um lugar vivo, um lugar que produz e por isso precisa de políticas de vida e não de morte, políticas para seu desenvolvimento, para desenvolvimento das pessoas. As políticas que sobem os morros não devem ser apenas de combate à violência, às doenças, à degradação ambiental, aos modos de vida, também precisam subir políticas afirmativas e de infraestrutura urbana, de incentivo e de legitimação que ali é lugar de produção cultural, de saberes e de força.

A psicossociologia foi um convite para olhar as complexidades ao longo da jornada propiciando a atenção ao Morro da Formiga e a mim. Com a interessante percepção de buscar as possibilidades outras de atravessamento deste compartilhamento de saberes. Os sentidos de comunidade do Morro da Formiga que são compostos nas relações de vizinhança e amizade e que agem pelas necessidades coletivas e desejos comuns nos mostram como as ocupações urbanas firmam o direito de existir. E esta firmeza está além das resistências, ela ressalta a existência e os saberes diários de construção da vida. E tudo isso está ligado a ser-natureza.

Através das sociedades de água, folias de reis e hortas foi possível aprender que o Morro da Formiga vive, regenera e aduba. E nesse contexto a favela deixa de ser favela e passa a ser Favela, porque quem compõe a significação são os moradores. Após aprender com eles, este processo de compartilhamento de saberes buscou reconhecer a produção cotidiana de vida e existência no Morro da Formiga.

7 Referências bibliográficas

Abreu, M. A. (1994) Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio. Espaço e Debates, São Paulo, v.14..n.37, p. 34-46.

Achinte, A. A. (2013) Pedagogías de lare-existência: artistas indígenas y afrocolombianos. Pedagogíasdecoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Volume I. Quito, Equador: EdicionesAbya-Yala, p. 443-468.

Batista, S. (2015) Programa de Reflorestamento equilibra paisagem do Morro da Formiga. UPP, Acontece. Disponível em:
<<http://www.upprj.com/index.php/acontece/acontece-selecionado/programa-de-reflorestamento-equilibra-paisagem-do-morro-da-formiga/Formiga>> Acesso em 20 de novembro de 2018.

Bauman, Z. (2003) Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar.

Becker, H. S. (1999) Métodos de pesquisas em ciências sociais. 4. ed. São Paulo: Hucitec.

Bispo dos Santos, A. (2019) Colonização, quilombos: modos e significados. 2 ed. Brasília.

Bolognesi, L. (2019) Guerras do Brasil.doc. Série documental. Brasil: Curta!.

Brandão, C. R. & Borges, M. C. (2007) A pesquisa participante: um momento da educação popular. Revista Educação Popular, Uberlândia, v.6, p.51-62, jan./dez.

Brasil, L.S.C.A. (2015) Uma História Ambiental da comunidade da Formiga, Zona Norte do Rio de Janeiro: apropriação e autogerenciamento de recursos naturais. UNIRIO.

Candau, V. M. F. & Russo, K. (2010) Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. *Revista Diálogo Educação*, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./ abr.

Carvalho, V S. (2005) Raízes da Ecologia social: o percurso interdisciplinar de uma ciência em construção. Tese (doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 86-162.

Costa, S. L. (2008) Os sentidos da comunidade: construções intergeracionais de memória coletiva na Ilha das Caieiras, em Vitória - ES. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

Costa, S. L. & Maciel, T. M. F. B. (2009). Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1), 60-72. Acesso em 25 de setembro de 2018, disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000100007&lng=en&tlng=pt.

Costa, S. L. & Mendes, R. (2014) *Redes Sociais Territoriais*. São Paulo: Fap-Unifesp.

Cunha, N. V. (2006) *História de Favelas da Grande Tijuca contadas por quem faz parte delas*. Rio de Janeiro: Ed. IBASE e Agenda Social Rio.

Da Costa, S. L. & De Castro e Silva, C. R. (2015) Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade. *Pesquisas e práticas psicossociais*, 10(2), São João del-Rei, p. 283- 291 jul/dez.

Dias, M. T. F et al (2015) Ocupações urbanas em Belo Horizonte e a (re)construção espacial da cidade: um estudo de caso da ocupação Camilo Torres. *Revista de Ciências HUMANAS*, Florianópolis, v. 49, n. 2, p. 205-223 jul-dez.

Esteves, A. B. (2013) Favelas cariocas: ontem e hoje. Cadernos de Campo, São Paulo, n.22, p. 352-357.

Fals-Borda, O. (1997) Enseñanzas de la Investigación-Acción Participativa. El problema de cómo investigar la realidad para transformarla por la praxis. Santafé de Bogotá, Tercer Mundo.

Faulhaber, L. & Azevedo, L. (2015) SMH 2016: remoções no Rio de Janeiro Olímpico. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula.

Ferreira, H. S. (2015) A formação de educadores ambientais na ComVivência pedagógica com os saberes da terra. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação e Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ.

Figueiredo, T. F. (2016) Um olhar sobre a Educação Ambiental presente nos materiais didáticos adotados em uma escola municipal do Rio de Janeiro. Monografia (Graduação em Ciências Ambientais) - Instituto de Biociências, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

Fonseca, T. M. G. (2013) Epistemologia. Psicologia Social Contemporânea. 21ed, Petrópolis, Editora Vozes.

Freire, P. (2014) Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 49ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gohn, M. G. (2006) Educação não-formal na pedagogia social. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 05 Fev. 2020.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subno_rmais/tabelas_pdf/tab2.pdf> Acesso em 20/11/2018.

Jardim, G. S. & Cavas, C. S. T. (2017) Pós-colonialismo e feminismo decolonial: caminhos para uma compreensão anti-essencialista do mundo. Ponto e Vírgula, São Paulo, 22: p. 73-91.

Jesus, C. M. (2014) Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10ed. São Paulo: Ática.

Leeds, A. & Leeds, E. (2015) A sociologia do Brasil urbano. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Leff, E. (2009) Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. Educação e Realidade, v. 11 n.3, p. 17-24, set./dez.

Loureiro, C. F. B. & Costa, S. L. (2003) Educação Ambiental, corpo e sociedade: tecendo relações. Educação em Revista, Belo Horizonte, n.38.

Loureiro, C. F. B. & Layrargues, P.P. (2013) Ecologia Política, Justiça e Educação Ambiental Crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 53-71.

Miranda, C. (2015) Educação Ambiental, Educação das relações étnico-raciais e as confluências no campo dos direitos humanos: dos quilombos às favelas. Pensamento Ambientalista numa sociedade em crise, Macaé: NUPEM/ UFRJ, p. 225-247.

Molina, R. (2007). A pesquisa-ação/ investigação-ação no Brasil: mapeamento da produção (1966-2002) e os indicadores internos da pesquisa-ação colaborativa. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. Acesso em 14 de abril de 2019, disponível em www.teses.usp.br.

Monreal, L. A. (2011) Metodología participativa y cooperación para del desarrollo. Observatório Internacional CIMAS.

Morin, E. (2000) Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2 ed.

Moscovici, S. (2015) Representações sociais: investigações em psicologia social. 11 ed. Petrópolis: Editora Vozes.

Nasciutti, J. C. R. (1996) Reflexões sobre o espaço da Psicossociologia. Série Documenta, Rio de Janeiro, v.7, p. 51-58.

Peralta, E. (2007) Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. Arquivos da memória: Antropologia, Escala e Memória, n.2.

Portelli, A. (1996) A filosofia e os fatos. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, p. 59-72.

Prado Filho, K e Teti, M. M. (2013) A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p.45-59, jan./jun.

Santos, B. S. (2007) Para além do pensamento abissal. Novos Estudos, v.79, p. 71-94, nov.

Santos, M. (2017) A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Silva, J. V. C. (2016) Sociedades de água do Morro da Formiga: Subsídios para Educação Ambiental de base comunitária e ecologia de saberes em uma favela carioca. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

Souza, M. A. P. (2001) As cores de Acari: uma favela carioca. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Takeiti, B. A. & Vicentin, M. C. G. (2017) Periferias (in)visíveis: o território-vivo da Brasilândia na perspectiva de jovens moradores. *DistúrbComun*, São Paulo, 29(1): 144-157, março.

Tonnies, F. (1957) *On Gemeinschaft and Gesellschaft*. Reprodução de *Community and Society: Gemeinschaft und Gesellschaft*, traduzido e editado por Charles P. Loomis, pp. 223-231. Copyright 1957, The Michigan State University Press. Disponível em: http://maxweber.hunter.cuny.edu/pub/eres/SOC101_PIMENTEL/tonnies.html

Valla, V. V. (1998) Sobre participação popular: uma questão de perspectiva. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 14 (Sup. 2): 7-18.

Valladares, L. P. (2000) A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.15, n. 44.

Valladares, L. P. (2005) *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Walsh, C. (2009) Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. Candau, Vera Maria (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 12-43.

8 Anexos

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente registro de consentimento livre e esclarecido se refere à pesquisa com título “OS SENTIDOS DE COMUNIDADE NAS OCUPAÇÕES URBANAS: SABERES DA NATUREZA E RESISTÊNCIAS SOCIOCULTURAIS DO MORRO DA FORMIGA, RIO DE JANEIRO” proposta por **Aurea Rachel de França Pereira**, estudante de mestrado no Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Você gostaria de participar dessa pesquisa?

A seguir estão algumas informações sobre a pesquisa, mas eu também estou disponível para tirar dúvidas.

- Qual é o objetivo dessa pesquisa?

A pesquisa tem o objetivo de refletir sobre quais características do Morro da Formiga fazem os moradores sentirem a Formiga ser o que é. Qual é a identidade e o que caracteriza o Morro da Formiga. E se esse sentimento do que compõe a Formiga tem alguma ligação com a relação dos moradores com a natureza e a história de lutas do local. Isso pode ser identificado através da memória e cultura da localidade.

- E como isto poderá acontecer?

Podemos discutir juntos os procedimentos, mas em princípio a proposta é que eu ouça as histórias de alguns moradores sobre sua vida no Morro da Formiga e participe de eventos, reuniões e outras atividades que fazem parte da rotina e marcam as características locais. A ideia é essa caminhada e as reflexões sobre ela serem construídas em conjunto. As conversas serão realizadas em local e horário combinados, de forma que fique de fácil acesso para os participantes e que fique claro que um registro daquele momento será feito. Os encontros só serão gravados, fotografados ou filmados quando for permitido.

- Quais os potenciais benefícios dessa pesquisa?

Podemos pensar juntos os possíveis benefícios, mas, por enquanto, suponho que propor um olhar que ressalta o valor da comunidade para a própria comunidade é um caminho de colaboração com o reforço da cultura local. O texto que será construído ao final do trabalho ficará disponível para embasar projetos da comunidade, busca por editais e futuras lutas em prol das transformações sociais. Além de configurar mais um registro da existência, valor e voz do Morro da Formiga.

- Quais os possíveis riscos?

O desacordo entre as versões das histórias contadas pode causar desentendimento entre moradores, por isso, as entrevistas serão realizadas individualmente e, para incluir um trecho no texto do trabalho, será feito com nomes falsos, preservando a identidade dos participantes e só será cogitada a inclusão de falas que tiveram autorização para publicação. Contar a história da comunidade também pode esbarrar no risco político, caso tenham pessoas que já sofram perseguição política e problemas afins. Assim, a preservação da identidade tem sua importância reforçada da mesma forma que o respeito ao sigilo de informações.

- Por que você está sendo convidado(a) para colaborar com este processo?

Eu chego a você através de uma indicação, alguém que eu conheci antes sinalizou que talvez você tivesse interesse em participar da pesquisa. E eu cheguei até a Formiga através de trabalhos realizados por outros pesquisadores em parceria com moradores, as Sociedades de Água e a escola municipal.

- Você pode aceitar ou não aceitar participar.

Sua participação é voluntária, ou seja, você pode decidir se deseja ou não participar da pesquisa. Caso decida não participar nada mudará no tratamento que receberá ou na relação com a pesquisadora. E mesmo que você inicialmente tenha aceitado participar, pode mudar de ideia e desistir, sem nenhum problema.

- Como será a divulgação das informações levantadas no Morro da Formiga?

A identidade de todos que participarem será preservada, assim como só serão utilizados relatos e experiências que tiverem autorização dos participantes colaboradores. O caminhar da pesquisa será discutido com os participantes e depois que a pesquisa acabar, os resultados serão passados para você.

Também é importante dizer que a realização deste trabalho faz parte de um processo de formação acadêmica assim como contribui com a publicação de artigos científicos para discutir o tema.

- Contato da pesquisadora

Aurea Rachel de França Pereira

EICOS - Instituto de Psicologia

Universidade Federal do Rio de Janeiro - Campus Praia Vermelha

Av. Pasteur, s/n, prédio Instituto de Psicologia, 1º andar - Urca - Rio de Janeiro, RJ - CEP: 22290-240

Telefones: 21 3938-5348 e 21 98827-1588

e-mail: aurearachel@gmail.com

- Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Av. Pasteur, 250 – Praia Vermelha, prédio CFCH, 3º andar, sala 30 – Urca – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22290-240

Telefone: 21 3938-5167

e-mail: cep.cfch@gmail.com

Eu _____, morador(a) do Morro da Formiga, entendi que a pesquisa proposta é sobre o que caracteriza o Morro da Formiga e isto será pesquisado através de relatos de história oral e observações presenciais.

Assinatura do participante:

Assinatura da pesquisadora responsável por obter o assentimento:

Aurea Rachel de França Pereira – mestranda UFRJ

Rio de Janeiro, _____ de _____ de _____

- Este documento é impresso e assinado em duas vias, uma ficará com o participante e outra com a pesquisadora.